momento vivo

71 poemas favoritos & 21 novos

RONALDO WERNECK

tempo-claridade
instante pleno-fugaz
tarda o sol e tarde

ETM

Outras Grafias

Digitalizado com CamScanner

momento vivo, de Ronaldo Werneck, em clave analógica, mas de farol trocado, remete-nos a um aforismo latino – *memento mori* – para sinalizar que o poeta, ao transpor a fronteira de seu *rubicon* existencial e cronológico, atesta sua vitalidade e versatilidade poéticas.

Em suas mais que festejadas setenta e tantas primaveras & mais de cinco décadas de uma criação, percorrendo o vasto mundo dos signos e suas interações formais, o poeta vem construindo uma obra singular dentro do panorama da literatura brasileira. Fruto de uma imersão visceral num campo que amplifica todas as possibilidades de comunicação de sua oficina, que transita do verbal ao visual, da tradição à vanguarda, essa vocação experimentalista é uma simbiótica fusão do sensorial e do visual.

Ao garimpar 71 poemas de seus livros anteriores e 21 novas tessituras, esse artista de várias embocaduras mapeia temática e conceitualmente uma vida de efervescência e agitação literária e intelectual que não se limitam à cidade de Cataguases, na Zona da Mata de Minas Gerais. Polifônico, polissêmico, multiculturalmente antenado com as emergências e demandas não só da arte mas também de seu tempo, seu percurso poético aqui é celebrado com potencialidade e epifania e revela o eixo de suas preocupações e o acento de transcendência temática.

momento vivo agudiza uma visão caleidoscópica de um escritor que constrói pontes estéticas, dialoga com seus pares, pois sua lavratura se nutre do fecundo húmus da intertextualidade e do adubo da metalinguagem, flertando com outros autores e vertentes. Eis uma trajetória que antecipa o seu compromisso estético e um

Digitalizado com CamScanner

momento vivo

RONALDO WERNECK

71 poemas
favoritos
& 21 novos

Para
Soares Feitosa,
esses poemas de
outroragora,
Com o abraço do
Ronaldo Werneck
Cataguases
maio/22.

ETM | Outras Grafias

São Paulo | 2019

Copyright © 2019 Ronaldo Werneck
Copyright © 2019 desta edição Editora Tipografia Musical [E T M]
Todos os direitos reservados. *All rights reserved*.

Editora Tipografia Musical

Editores: Bruno D'Abruzzo & Roberto Votta
Preparação e revisão de textos: Bruno D'Abruzzo & Antônio Jaime Soares
Projeto gráfico: Ronaldo Werneck
Capa & diagramação: Sabrina Venturini
Foto da capa: Praça da Estação/Cataguases, 1918. Original de Alberto Landóes (1868-1935), editado por Henrique Frade

Primeira edição: agosto de 2019

Partes deste livro poderão ser reproduzidas com a prévia autorização por escrito da Editora e nos limites previstos pelas leis de proteção aos direitos de autor e outras aplicáveis. Além de gerar sanções civis, a violação dos direitos autorais caracteriza crime. Mantenha viva a cadeia do livro: não tire cópias, compre livros.

FICHA CATALOGRÁFICA

Werneck, Ronaldo
W491 Momento vivo./ Ronaldo Werneck. – 1. ed. – São Paulo: Editora Tipografia Musical, 2018.
268 p. ; 16x23 cm.

ISBN 978-85-68951-19-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD: B869.91
CDU: 869.0(81)-1

CRB6/2068.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA TIPOGRAFIA MUSICAL
Rua Silva Bueno, 2379 / 63
São Paulo-SP | CEP 04208-053
[+55 11] 4306-2080
editora@tipografiamusical.com.br
www.tipografiamusical.com.br

façamos assim
um poema para pathy-patrícia
que saia de mim esse amor
como um sopro que não para
de amor sem fim

Como um vago sonho
relembrado
eu amaldiçoo
o rio do tempo.
Mao Tsé-Tung

Vejo o rio passar e mal me vejo
enquanto envelheço à sua beira.
A luz e o silêncio em mim sabem a vida
e quando respiro
tudo o que não entendo faz sentido.
Francisco Marcelo Cabral

Em marcha, alado
heroico pé de verso.
Mário Faustino

Sumário

50, talvez 51, por que não 71?/ Ronaldo Werneck 10

Reescrever uma nova estética/ Cláudio Murilo Leal 12

71 poemas favoritos 15

de *selva selvaggia* 17

matinal 19

23.10.68 20

vergetais 21

panem et circenses 22

verão 23

círculo 25

himeneu 27

aço & estilhaço 31

cartagrama 33

around the sixties 36

a estrada 39

war make-up 41

hunger & co. 42

libertarde 46

de *pomba poema* 47

fragmentos/cidade 49

de *minas em mim e o mar esse trem azul* 65

mineração 67

pomba poema /fragmentos rio 68

margem-vida paraíba 73
villas & minas: paris 75
o mar esse trem azul 78

de *revisita selvaggia* 81
esse moço 83
nu vem mal aimé 86
malcolm lowry´s search 88
sol na rua do sobe e desce 90
maiakóvski em dois tempos 91
rota: fellini 99
no rádio/na tv/veja você 103
plano piloto 110

de *noite americana/doris day by night* 115
acossado 117
galo/calo 118
& meta-poema 120
baixo copa 122
noite africana 124
clean/clown/click 128
is´a beautiful 130
bárbara by starlight 132
perfume 133
a morte é bailarina 134
tourn´âge d´or 137
enjambement 139
daylight na atlântica 140
deo gratias 144

de *minerar O branco* 145

olha cá 147

preto nu branco 148

a poesia nos braços 149

a(guardar) godard 151

nada essa balada no ar do harry´s bar 153

ascânio em 4x3 156

mar de camões amar florbela espanca 158

baden-baden 159

alger la blanche 161

nunca sem poesia 167

viver este poema 168

de *cataminas pomba & outros rios* 169

os pés do moleque 171

ouro preto chove prata 172

nas gretas grutas 175

rio-paisagem 177

rohayhu asunción 179

el manzanares en madrid 184

l´arno a firenze 187

el tajo/tejo: toledo 189

the river thames 190

l´oise: rimbaud retrouvé 193

de *o mar de outrora & poemas de agora* 195

o mar-em-mim/ fragmento 197

duas faces 203

mauro-niemeyer: nuvens 206

nova york 207
paris-patrícia 208
tempo em três tempos 210
espelho 213
23.10.13 214

& 21 novos poemas 215

saltam poemas de meus dedos 217
shangri-la 218
on the road: tempespaço 222
signo-sêmen 224
vaivém da ponte velha 225
o sal na terra 228
diz-que noé/diz-que baco 229
a balada da moça às seis e meia 231
quatro da manhã 232
a lágrima do morto 234
a voz da morta 236
caminho lá com os mortos de cá 237
momento vivo 242
paquetá-geribá 245
a lua na toscana 249
o sol no hyde park 250
viajor 251
rosato nel caffè rosati 254
voando com tanussi 255
desusura 263
ave wlademir 264

50, talvez 51, por que não 71?

Na década de 1950, José Simeão Leal, diretor dos famosos Cadernos de Cultura publicados pelo Serviço de Documentação do antigo MEC, incluiu ali alguns pequenos volumes intitulados *50 poemas escolhidos pelo autor*. O primeiro deles era de autoria de Manuel Bandeira. Em seguida, vieram, entre outros, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo e Emílio Moura.

No início deste século, o poeta Waldir Ribeiro do Val, diretor das Edições Galo Branco, retomou a ideia de José Simeão Leal e lançou uma coleção de mesmo título. Foram editados desde então mais de 50 poetas de tendências as mais diversas, de várias partes do país. Em 2009, indicado por Astrid Cabral, uma das autoras publicadas, Waldir Ribeiro do Val compareceu ao lançamento do meu livro de crônicas *Há Controvérsias 2*, na Livraria da Travessa, em Ipanema.

Foi quando ele me convidou para também participar de sua coleção. Eu disse que sim, que iria selecionar os poemas. Mas o tempo foi passando, outros trabalhos chegaram e acabei me esquecendo do Waldir e dos "50 poemas..." . Até que um dia recebi um dos livros da Galo Branco, com os versos de meu amigo Tanussi Cardoso. E logo depois outro, com os de minha querida amiga e poeta Lina Tâmega Peixoto. Lembrei-me então do convite e comecei a selecionar alguns poemas. Mas, ao retomar o contato, o Waldir me disse que, infelizmente, acabara com a coleção.

Revejo e retomo agora os poemas selecionados. Tento ordená-los. Meu primeiro livro foi lançado em 1976, mas muitos de seus poemas datam dos anos 60, lá se vão mais de 50 anos – número quase redondo. Como não me agradam essas *redondices*, passei a trabalhar com o número 71 (a seleção cresceu e escolha é sempre difícil). Havia alguns novos na gaveta e outros em andamento, recém-finalizados: 21 e sempre a ausência de números redondos. Coloco tudo no pacote. Este que passo a vocês. Com o haicai da capa, o total ficou em 93. Novamente número ímpar. Assim, aqui está uma panorâmica dos mais de 50 anos de minha trajetória poética.

Neste livro, são várias as menções ao nome de Francisco Marcelo Cabral: poemas-citações, poemas-epígrafes. Não é para menos: intelectual de rara erudição, o saudoso poeta (Cataguases, 1930-Rio, 2014) foi também meu inesquecível amigo. Sabia de tudo um pouco e um pouco mais que tudo. Sem ser peDante (*ma è vero!*) nesta *selva selvaggia* de agora: Francisco Marcelo Cabral foi meu Virgílio, meu guia da vida inteira.

Ronaldo Werneck

Cataguases, outubro de 2018

Reescrever uma nova estética

momento vivo transforma o instante da escrita em projeto literário-poético que busca inscrever-se em uma pós-modernidade superadora das vanguardas e dos modernismos europeus e, também, do Modernismo brasileiro. Em *momento vivo* a ação verbal do poema desmistifica o status quo do verso íntegro, inconsútil, e reescreve uma nova estética pontilhada por fragmentos e fraturas na horizontalidade do verso tradicional.

Os versos febricitantes de Ronaldo Werneck, libertos dos vetustos condicionamentos métricos prefixados pelo monótono desenho dodecassilábico, recortam o visual contínuo e espraiam-se em ilhotas de palavras e sintagmas, formando arquipélagos de uma nova geografia poética.

Os mestres históricos que abriram caminho ao fraturamento do verso podem ter sido o Mallarmé de *Un coup de dés*, a desconstrução experimental de Maiakóvski, o ideograma poundiano ou o poema *The sparrow* de William Carlos Williams, entre outros, como Apollinaire em seus *calligrammes*. Mas essas foram apenas sugestões formais absorvidas e recriadas em estilo personalíssimo pelo nosso poeta, que inseriu o idioma subjetivo e afetivo de Cataguases no mapa-múndi da nossa linguagem lírica pós-moderna.

O que traz originalidade e unicidade a *momento vivo* (apesar de *momento* estar inserido no tempo) é, principalmente, a sua mensagem plural, versátil, lúdica, visão do mundo paradoxalmente intimista e realista. O poema "cartagrama" é exemplo do

aproveitamento da entonação coloquial, missivista: um *adieu* em ritmo de crônica:

se queres assim, muito bem
que assim seja
sem I love you
sem que eu te veja
sem mais delongas
fogo extinto
mar sem ondas

Mas a multiplicidade de entonações verbais de Ronaldo Werneck faz contrabalançar o verso tradicional com a letra plasticamente trabalhada, por exemplo, no grafismo de "himeneu" . E o *leitmotiv* Cataguases explode em catarse, saudades de ontem e de um futuro ficcional-poético, quando a língua babel é uma tentativa de revivescência dos *glorious days* do Colégio, do Rio Pomba, do Bar do Ponto, de Francisco Marcelo Cabral, o Cabruxa, de Rosário Fusco, de Lina Tâmega Peixoto.

água ases catas
cataguases
mesma a curva
a mesmidão do rio
mesma a solidão
minerada
das mesmas minas

içadas
ouriçadas minas
onde
chico cabral & lina
acharam palavras

Minas existe... mas como dói.

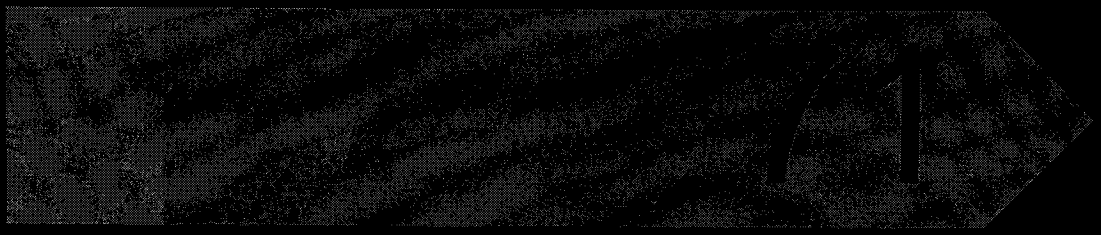
A palavra, soberana, traz novo aprendizado com os pioneiros, de Mallarmé e Maiakóvski a Wlademir Dias-Pino. Um variegado mundo de páginas coladas na memória.

com maiakóvski
meu mestre
aprendi
que a vida
está pela 7

Assim como escreveu Murilo Mendes sobre *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, o mecanismo retórico de *momento vivo* terá que ser cuidadosamente desmontado, no futuro, para minuciosa análise de seu complexo modelo como peça para exame no laboratório poético de futuros exegetas.

Operários das letras, uni-vos para entender e amar este *momento vivo*, pois só quem ama pode ser capaz de ouvir e entender os poemas de Ronaldo Werneck.

Cláudio Murilo Leal
poeta, presidente da Academia Carioca de Letras
Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2018



poemas favoritos

as the sun make it new
day by day make it new
yet again make it new
ideograma chinês
via Ezra Pound

1976

a única novidade é o sol
nem deus inova. por isso,
o moderno é o eterno.
o ser é: o criado na sua
intransmissível solidão
Rosário Fusco

o poema é veículo
a poesia carga nobre
suor & insight
RW

ah quanto a dir qual era è cosa dura
esta selva selvaggia e aspra e forte
che nel pensier rinnova la paura
Dante/La Commedia – Canto I

matinal

o rosto contra o espelho
gilete ávida percorrendo
áspera
a face marcada

olhos gastos, óculos castos
mergulho no dia claro
aventura recomeçada
agora e a cada hora

23.10.68

hoje tenho 25 anos
e queria escrever ócio
mas minhas palavras são de aço

hoje tenho 25 anos
e a poesia é difícil
mas o poema é meu ofício

hoje tenho 25 anos
e a poesia me chama
faço o poema como quem ama

vergetais

face a face
a alegria

da verde alface

rotundos
brilhantes
pesquiso
a poesia

do pálido palmito

sobre a mesa
descubro
a selvagem
tristeza

do tomate rubro

panem et circenses

palavra pão coti
diano em ano
panaceia cota
de dano em dano
um verso e seu re
verso opus físsil pá
lavrador de ver
so panis et coellum pana
ceia et circenses a pa
larva de rapina em vão
um desvão do ver
bordado em pó e pano
ceia e um só coti
diano em ano ver
so um só me de
forma e fundo
pão e circo

verão

ah havia tanto
tanto joyce
no original reler
pound os gregos
os provençais
havia tanto
tanto tempo perdido

são duas horas
duas da tarde
o mar se esfrega
azul l´azur blue blau
por toda a costa
ocidental

é verão e as mulheres
espraiam belas
acidentais
suas costas
a areia as coxas
o colo reluzindo

é verão e são belas
duas horas de mar
e tarde o tempo
perdido
os gregos
os provençais

o sol sol solapando
os olhos trinta
trinta anos
de pão & pound

é verão e são
comoção belas
as mulheres

mas de que vale o poema
ante a mulher de ipanema?

círculo

e surge teu dorso dourado
e vem com a aurora teu rosto
e agora e ainda uma vez e outra mais
aqui estamos
no fragor de lençóis
emaranhados

alvos
nus
abandonados
aqui estamos
mar de arranhões

lentas mordidas
e o relógio tique-
tapeando o tempo

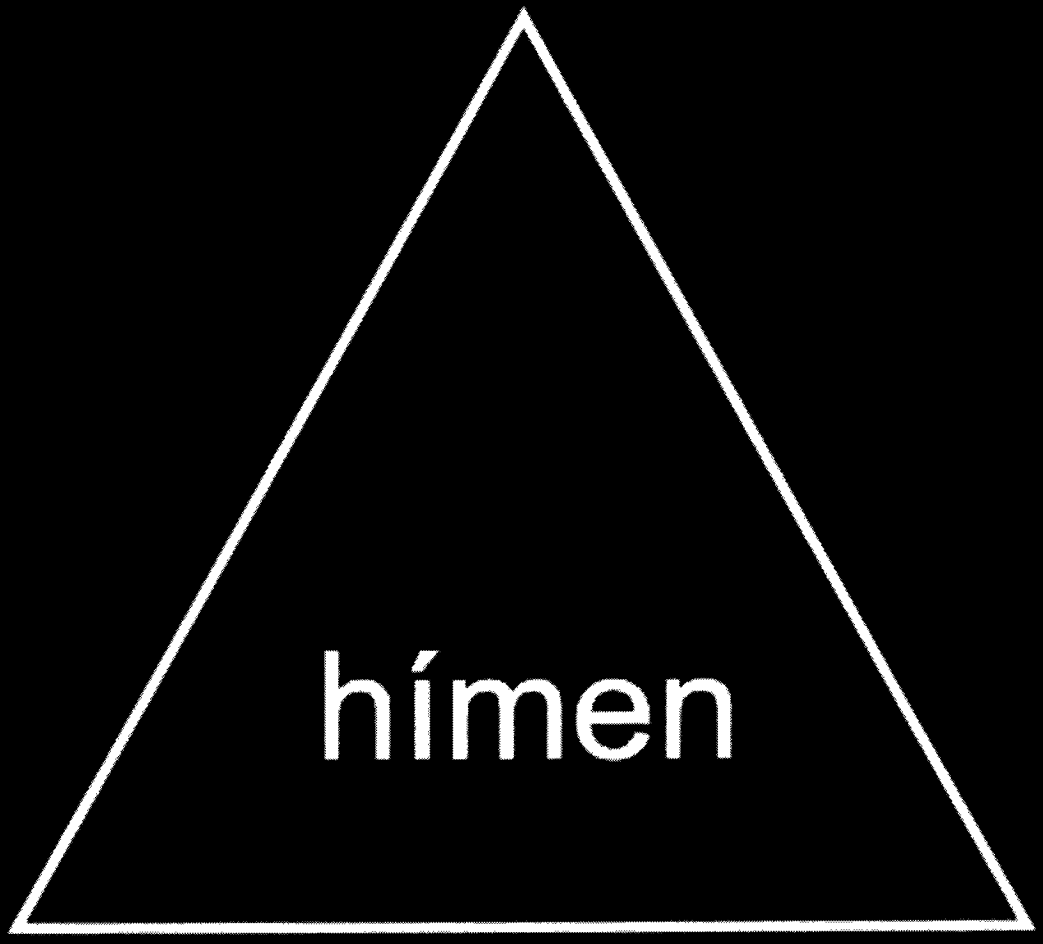
alvos
nus emaranhados
aqui estamos

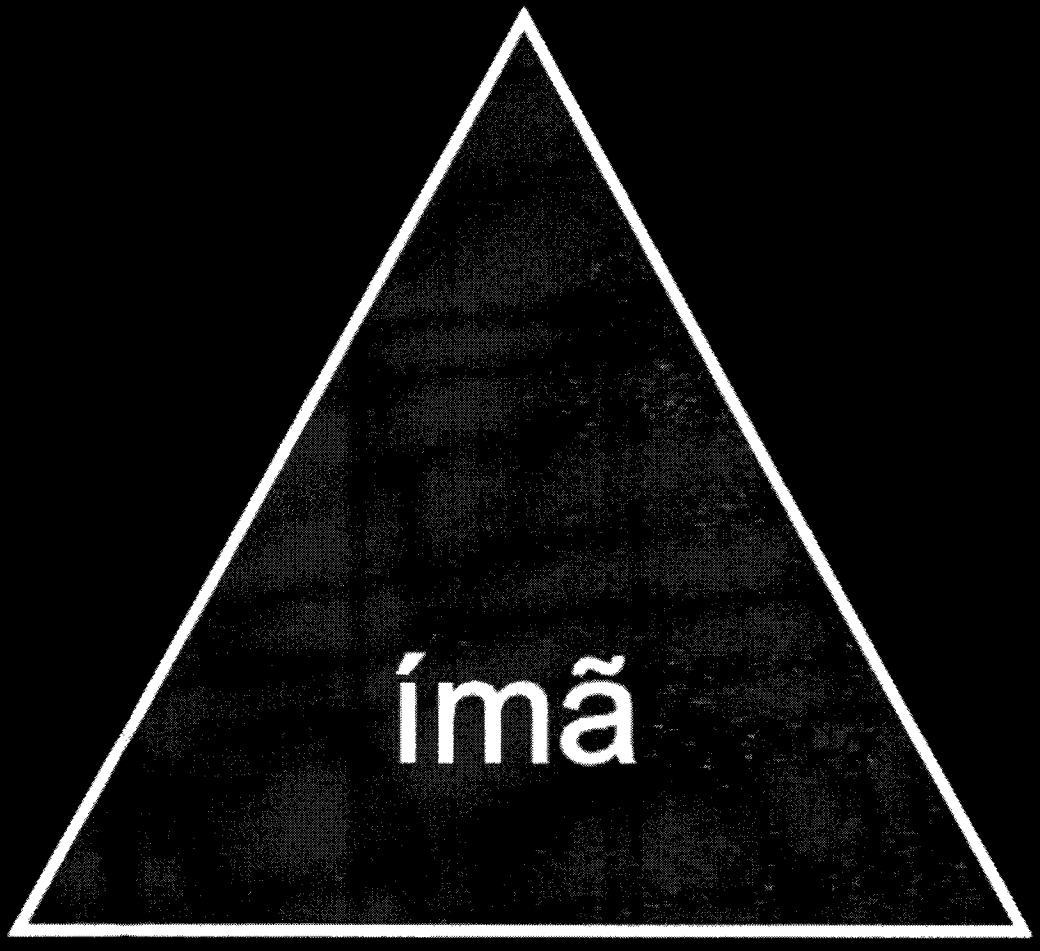
mar de arranhões

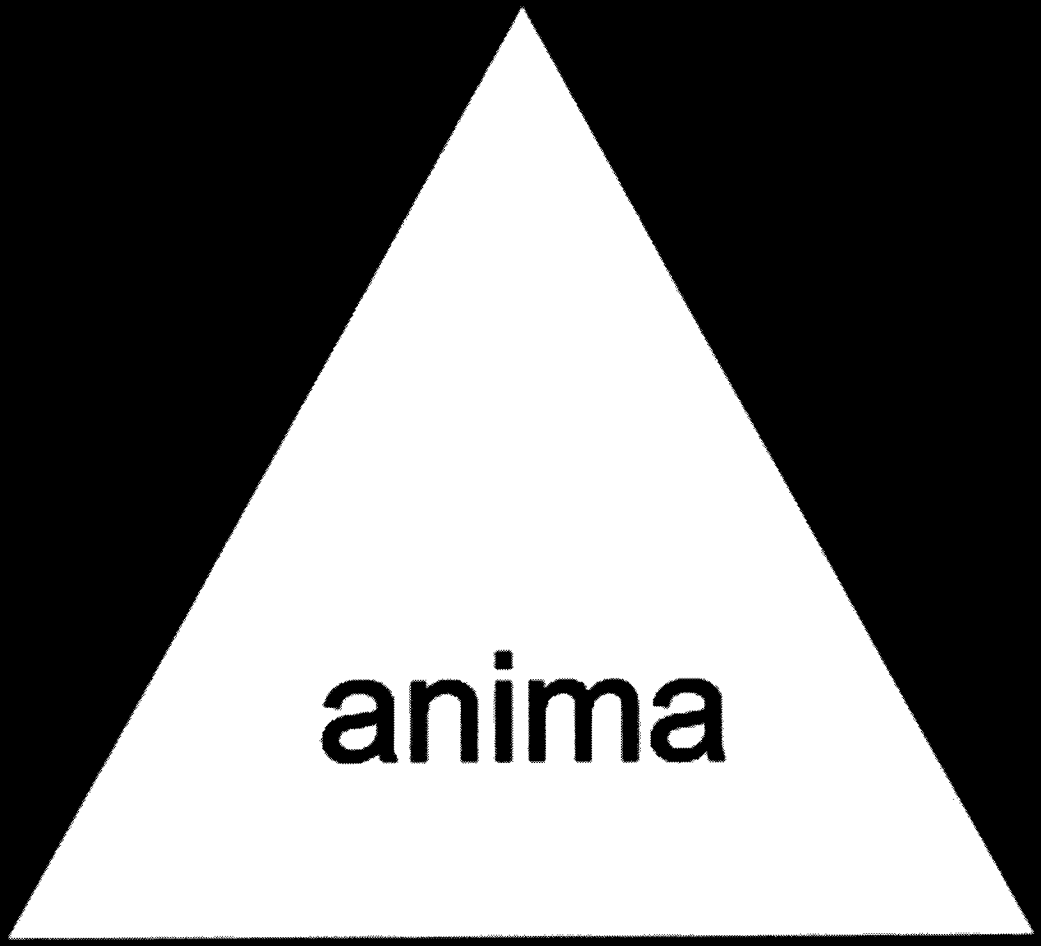
lentas mordidas
e o amor truque-
truncando o tédio
e o corpo assimilado

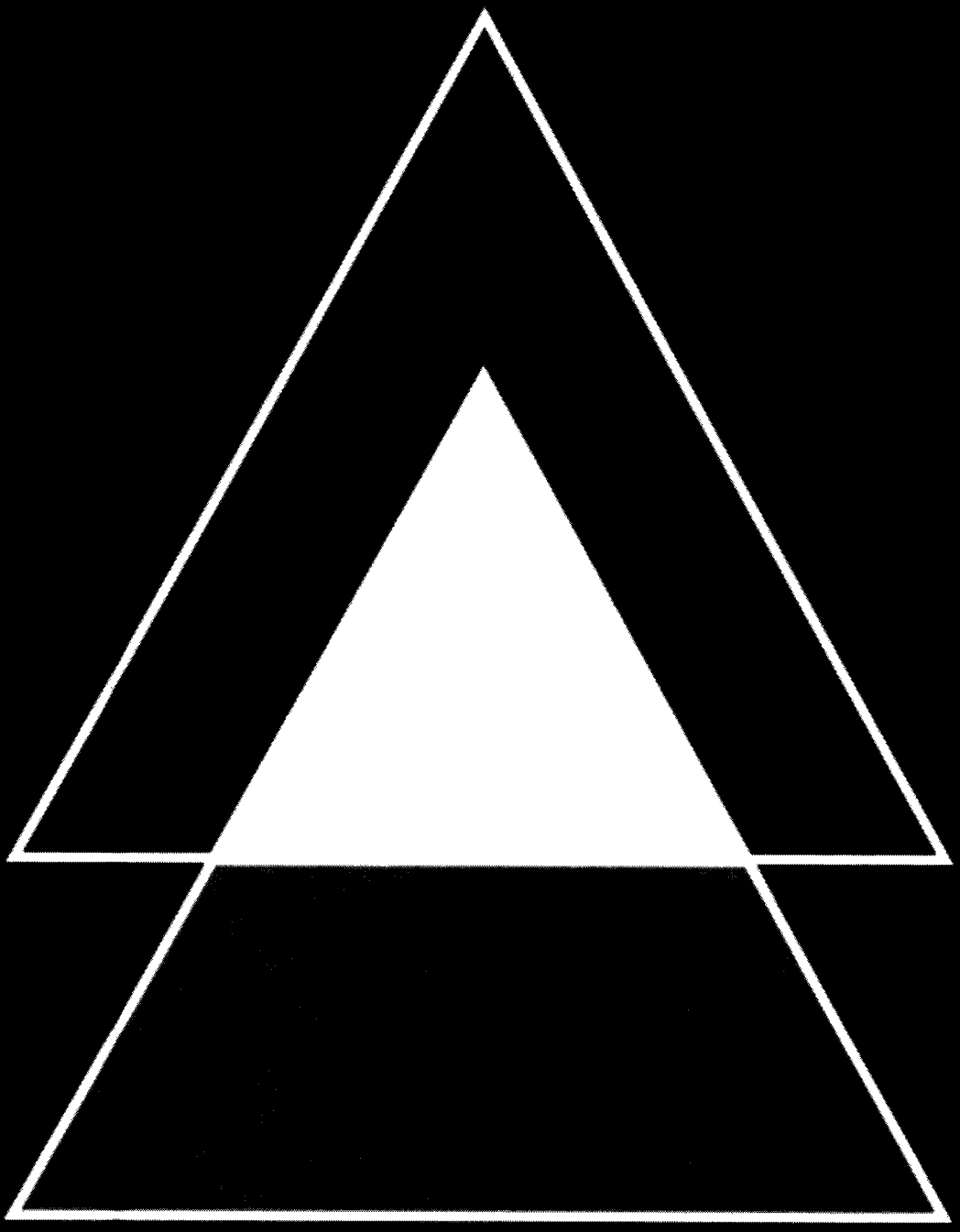
e surge teu dorso dourado
e vem com a aurora teu rosto
e ainda e ainda uma vez e

Himeneu




ímã


anima



aço & estilhaço

são ásperas as veredas
do amor
pouco a pouco
despedaçadas

o corpo a corpo
e essa flor esquerda
subitamente despetalada

são ásperas
e o pouco corpo
vencido

são ásperas
e o corpo há pouco
apodrecido
são ásperas
e o amor
natimorto motor
enlouquecido

são ásperas
eu digo

são ásperas
as veredas de aço
motor em pane
tumor tocando
o corpo/estilhaço

são ásperas
e o amor
pouco a pouco
despedaçado

são ásperas
e o amor

essa flor esquerda
subitamente despetalada

cartagrama

se queres assim, muito bem
que assim seja
sem I love you
sem que eu te veja
sem mais delongas
fogo extinto
mar sem ondas

muito meu bem
que assim seja
sem abraços sem
mãos se falando

que assim seja
sem truques
corpos trocas
presa ao mundo
teu burguês
cotidiano

como se diz

è finito

sem mais delongas

ou me debilito

saio desse amor
como da batalha
soldado da dor
raso sol mortalha
sofro
mas me acostumo

como se acostuma
com a vista doente
o cigarro áspero
o chope quente
sem riso ou espuma

sofro
mas isso passa

que diabo
um profissional da dor
não sofre de graça
eis tuas armas
não mais muito
meu bem me ferem

sou todo escudo sou
onde me encerro
o coração de ferro

como se diz
está terminado

sem ilusões
sem abraços
PT. & SAUDAÇÕES

around the sixties

para Carlos Sérgio Bittencourt

come on
prepare o seu coração
a guitarra dos beatles
comum
let´s twist again
o cabelo dos bichos
pode crer

jimmy ginjanis
drix man hen
barbitóxico´s blue
gin hei man drix
pode crer

jean-luc rochá jeans
vietname´s blue hué
camisa paissandu gin
hoa-minh my lai khe sanh
pode crer

let´s make marilyn
mar war love
sex mini quant novu
ar lar ido lib
pode crer

um sol negro beta che gue
gal galo som & segredo
it´s over see sea nau
fragado dream drama vez & voz
pode crer

I want to live to dream
in latin america maria maria
as cãs violão cantinho são
o apagar do velho drama
pode crer

aroma amor romã
ticos de cuba sex libre
it´s over bahia mar
rio minas meninas
pode crer

a gente estancou de repente
oh I could have dance all night
if I had a hammer an egg
but it´s over the big game
pode crer

era um era dois era cem
a garra dos bichos
it´s over hair head heart

come on let´s twist again
pode crer

pode ler não
ao não por que não?
rock barbeatle´s name
a manhã clara clara over
pode crer

em ipanema em que bar
em que cinema como quem
partiu quem blue bleu blau
babau seo nicolau
pode crer

Rio, 1968

a estrada

como a faca
o corpo
a estrada penetra
o sertão e corta
seus intestinos
como a faca
o morto

como a faca
a estrada se estende
como a faca
e seu desígnio
como o corpo
e seu signo

como o corpo
e seu signo
a estrada
é construção do silêncio
e compõe a paisagem

como o corpo
no sertão

como o morto
no chão

como a faca
a estrada brilha
ao sol argamassado
como a faca
no silêncio
de seus gumes prateados

a estrada o morto a faca o sertão
são palavras planas
habitadas por sol
e solidão

war: make-up (*)

make war

east or West

more land

less love

(*) 1968: os hippies pregavam *love and peace* enquanto a escalada norte-americana no Vietnam, movida a bombas de napalm, era comandada pelo General William Westmoreland.

hunger & co.

Há mundos futuros: república,
Cristianismo, céus, Lohengrin.
São mundos presentes:
Patentes,
Vanderbilt-North, Sul-Serafim.
Sousândrade

1.

chave cigarro isqueiro
lenço carteira dinheiro

de que vale o homem
contra o nome e a fome

o cotidiano no bolso
o que sobra do nome
um osso
o sim pelo não
chave
mas sem porta

que importa o nome
quando o homem
se consome
em si

em sim
em todos
e nomeia o nome
no meio a fome
a fome
e seu nome
HUNGER & CO.
a empre/s.a.
e seu desprezo
urbe et agro
a empresa
vereda do amargo
money
abU$A
do lar
DÓLAR
arcabouço da fome
que outro homem
come

2.

do lar
a fome
dólar
o nome

que importa um homem
no meio do money
que hunger & co. come?

chave
cigarro
isqueiro

de que vale o homem
contra a fome
a fome e seu nome
MONEY?
do lar o money
suga a dor
o nome o ar

um homem e sua fome
um homem

arquitetura
de osso e espanto

3.

um homem e sua mão
um homem e seu não

mão que maneja o medo
não que nomeia o nome

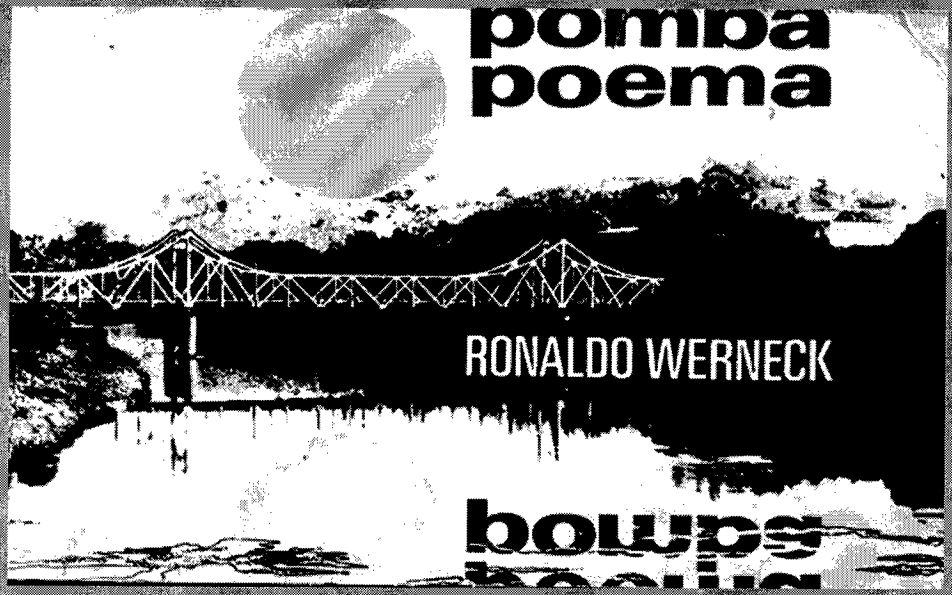
diante do money
NÃO
diante da fome
NÃO

4.

um dia ante a fome
a mão
se levanta
ex urbe et agro
a mão
se levanta
contra a fome
o money o nome
o outro homem
e tudo

Libertarde

1977



NADA, Cataguases,
em teu rio pobre
pomba sem vida,
mudo e sujo
NADA ME FAZ
TE AMAR
AMAR MENOS
FMC, INEXÍLIO, 1979

INEXÍLIO é filhote confesso
do Ascânio de "Cataguases" e
do Ronaldo, de "Pomba Poema".
Francisco Marcelo Cabral
Rio, 2006

pomba poema

fragmentos/cidade

para Francisco Marcelo Cabral, *in memoriam*

nesgas neblina

manhã ainda agora

O CHEIRO DA MAÇÃ
EVOCANDO A METRÓPOLE
O MUNDO EXTERIOR EXTRAÍDO
A CADA ODOR & DENTADA
O MUNDO ALÉM DA RETA DA SAUDADE
ANTES DAS INDÚSTRIAS
O MUNDO
ATOLADO
NA PONTE DO SABIÁ
HÁ? NÃO HÁ?
NÃO SABÍAMOS
NÃO SABEMOS
NÃO SOUBEMOS
NUNCA JAMAIS
ESTAVA ALI O MUNDO
ANTES DO TEMPO
E DA PONTE
NUM REPENTE
NA GIRÂNDOLA DO TEMPO

MANGA

JABUTICABA

ABIU

EXPLODINDO NO DENTE

ainda não existia a poesia

ou antes

estava

toda ali

roubando pães na rua

do sobe-e-desce

anunciando a manhã

a manhã de sempre

como o leite

escorrendo

circunspecta

através do relógio

imenso

entrevisto pelas frestas

da casa e do tempo

onde laura do carmo

ensaiava acordes para o jazz-band

o violino mesclado

ao zunir de charretes burricos batuques de cascos

na antemanhã sem truques

sem freios

sem truques

cortando

o cotidiano

cota de dano

a poesia

sangrando suada
veloz singrando
num só arremesso
singrando
como bola de pano

estava ali

a poesia

antes

da poesia

mas o mar mar

telando as pedras

no meio da luz

e dia memória

surgem são soam

estranhas

as palavras

polvilhadas

e s p a l h a d a s

espelhadas

remetem a

itacat'agua'ses

pomba

pedra

palavras grafadas

a esmo no mesmo

traço traça-

das a seco no pó

emaranhadas

arranhadas

na pedra

no tempo esparso

a noite das gerais

a minas noite

pipocando na memória

outrora antes agora

o pombaquário

arrebata

os ases da mata

traçando votos

tecendo corpos

margeando acessos

negaceando versos
peixes mortos
sobrenadando ao sol
esplendente da mata
tudo & todos
o pombaquário
arrebata
dados como petecas
lançados
sugados ao rio
como patacas
na memória
correndo corroendo
um século em cada minuto
afogado em flores alvas
netrodorea pubescens
laranjeira da mata
limo
limoeiro dos campos
dos palcos gerais
ktá apenas
cata
cena
seus atletas
seus patetas
seus poetas
à luz do sol luz da mata
veloz veloz contra o tempo

fremia o rio em friúme
langorosos poetas
do áureo café
patacavam na mata
um werneck tísico
morto antiquíssimo
avant la vert
poète
pathétique
au dernier cri de la mode
avant
les jeunes gens de catacazes
todos eles
rapazes muito sagazes
muito capazes de ir ver
de forde verde etc. & tal
que passo é esse apressado?
que luz é essa amarela?
quando quem o quê como por quê?
de quem são esses olhos?
quem por trás da janela?
traiçoeira
a esmo
trágica
caminhada
sem tutu
sem torresmo
sem o velho cabedal

e sua poção mágica
a pé sem rapé
aguado
maneiro
resta o café
deslocado no tempo
outrora agora
fora do tempo do urânio
dos tratados
contratos de ricos
conchavos de risco
movida a carro de boi
e gerânios
a em ci/dade
girando
como pião matreiro
fora dentro fora
no exterior mineiro

pombas se desfazendo
em itacataguases

o que é
essa manhã?
essa manhã
a mais
se apagando
o que é

essa manhã
quando todas
absolutamente todas
feneceram
sem sol e sonho?
places ponts avenues
ouvriers apitando
suas mãos
entretecendo
tramas tardias
seus tamancos
seus pés
seus trecos
treco-trecando
nos pés
de moleque
ruídos dia-a-dia retomados
barulhos acordando a manhã
suas bicicletas já chegadas
amontoadas aconchegadas
no frio fabril da madrugada
trecos tamancos
tanto tantos
ecos
clamando
por meia hora a mais
meia-pataca de sono
um centauro d'anos

se repartindo
indo
se diluindo
entre ais
uais
auás
treco-treco-trecos bicicletais

catando patacas
sexouros ouríndias
o jovem francês
marlière
farreou
ficou
fornicou
franqueou
seus fundos
fundou
a mais mineira
maneira das minas
meninas cidades gerais
cem um cento d'anos a mais
catas catauás
meia-pataca
catas itacataguarte catas
meia pacata
água ases catas
cataguases

mesma a curva
a mesmidão do rio
mesma a solidão
minerada
das mesmas minas
içadas
ouriçadas minas
onde
chico cabral & lina
acharam palavras
mineraram
poemas-pataca
perdidos rolados
no rio enrolados
por verdes
às vezes embora
sagazes
rapazes de outrora
um rosário endiabrado
luscofuscando
lambuzando
embaralhando a lousa
nada vale nada com algemas
pois a palavra é poesia
e a poesia morreu
são cibernéticos os contatos
dos homens com os homens
e dos homens com as coisas

como bola de plástico
um sonho mal soprado
estourado em caixotes standard
forjados de burriches nouveaux
mau-gosto & concreto malarmado
cata ktá catanga catauás cartazes catauases itacatauases
cataguases
catarte
catarse
catavento
em close na memória
aqui ali
frag´alimentada
parte por parte
catanada água argila
desesperada
cataguases
arte por arte
ainda cintila
cataguarte
subindo
descendo
a rua
do
sobe
e desce
pressinto
cabreiro

com horror
que estou
numa cidade
do exterior
mineiro
e de novo aqui
num outro novo
afoito
domingo dimanche
diamante torto
desmanchado porto
biscoito
pipocando
polvilhando
veredas
em itacataguarte
elo anelo belo
o mar pomba
batendo azul amarelo
girando
girando
gerando
gerânios
no meio da luz
e dia
memória
pedra as

telando

mar rio

mar

telando

o mas

agora aindamanhã

neblina nesgas

da boca despolvilhada

dissolvendo

grudando o abiu

a doce manga

memória dia e

luz no meio

pedras as

telando mar

mar

mar

o mas DA SAUDADE

A RETA ALÉM O MUNDO DA MAÇÃ O CHEIRO

AGORA AINDA

ATOLADO NA PONTE DO SABIÁ

OSSOS

dos mortos do chico rossi

secando são tantos secando

surpresos ao sol esquálido

100 hoje

50 anos de avisos fúnebres

resguardados

relembrados

um centenário tantos tentos tantos os mortos tontos

os mortos catalogados

dia a dia fichados

cem estava ali

a cidade

por trás de cada

morte

curtida na calçada

secada ao sol

a cada

cotidiano a cada

cota de dano

a sorte cristalizada

escorrendo

diáfana

como o rio flou

flutuando

como

quem entre neblina

sepulturas e nesgas de alvorada

1999

wind
is dragging
the
sea

with

dream

s
e.e. cummings

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez:
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
João Cabral de Melo Neto

A poet's hope: to be,
like some valley cheese,
local, but prize elsewhere.
W.H. Auden

Eterno, mas até quando? é esse mergulho em nós de um mar profundo,
e que não fique o chão nem fique a sombra
mas que a precisão urgente de ser eterno boie como uma esponja no caos
e entre oceanos de nada gere um ritmo.
Carlos Drummond de Andrade

mineração

para Mônica Botelho

minerar

em

minas

PALAVRAS-MINÉRIO

mineirar

em

mim

PALAVRAS-MISTÉRIO

pomba poema

fragmentos/rio

para Luiz Linhares

da mantiqueira à mata

reluzindo mar mar-

rom ronruminando amar

elo mar

se engrossando

pomba-pataca & lava-pés

meias minas maneiras

águas injetando

maneiro

mimado

mamado

menino

mineiro

escorrendo

fortalecendo des

aguando

engrossando o pomba

des

atento des

espectador des

de outrora

de um des

painel na memória des

humano pomba correndo des

de um dado a mais

lançado des

de agora des

cortinado des

contínuo des

aguando solto

em todos num só des

coração des

martirizado fluxo

bombeando lama

e sangue

pomba

pomba

que força

tem um rio?

um rio só um rio só

pomba

pomba

que mistério

que fascínio

que vida se
desemboca se
perde em seus meandros
suicidas?
que o quê quem por quem
se entrega se sub
mete em lama quem clama
em barro quem mete se sub
merge se sub
vive se sub
nada sobre nada?

torcendo o acaso des
trambelhado des
acreditados ases des
pombando pombas des
aguando des
garrados como dados des
atirados des
de a ponte des
de a rampa des
lançados em vão
ou não?
em centenária
feroz ânsia
fechada em si
a em ci/dade
tomba

pesa sobre o rio

esquálido

não como o cálido

vento da infância

debruçando ingazeiros

sobre o pomba

mas como ferida sangrando des

engrossando des

correndo solta des

bombeando às avessas num só des

fluxo des

norteando des

secando cem rios num des

coração des

norteado às avessas des

de outrora

engrossando-se mar elo

amar ronruminando rom

mar mar mar

mar de morros

reluzindo

à mata da mantiqueira

como numa interrogação

num olhar solto

no espaço

num só laço

o rio envolve

esse tropel de burros
bicicletas
meninos soltos
no pó
no pé descalço
nos galhos
pendurada no ar
nas árvores
a poesia
se desmanchando
se amarelando
se dissolvendo
a poesia
tênue
manhã às avessas
jorrada
pra dentro
da noite

margem-vida paraíba

para João Cabral de Melo Neto

&

tudo fica
na memória
estancado
&
nada flui

fora o rio faca
fio-prateado
a canção
a praça
o perfume

tudo resta
incólume
imantado
fotograma de gumes aguçados
paisagem viva
é passagem
o paraíba
mais vale a vida
lívida miragem

&

passa o paraíba

&

para

a vida

cada curva cada

coda cada cauda

cada quina cada

nada revi

vem

o rio

faca

faísca

prata

nada de pressa

passa o paraíba

fica a vida

&

o fim da festa

margem

vazia

vadia

viagem

&

villas & minas: paris

para Alberto Villas

Sous le pont Mirabeau coule la Seine
Guillaume Apollinaire

vem e vai um vento
sopra e sai um som
do sena
e jantamos
e já estamos
com alberto villas juntos
num bistrô grego
minas está longe?
não
está aqui
inserta
sim

minas está aqui
incerta
de moustache & cavanhaque
& bebe
nosso cognac
no quartier latin

aqui
está aqui
minas um pouco antes
da curva
da manhã
que vem
e se esvai
sobre o sena

minas corre
minas morre
não
minas não
minas nos acena
pequena
que pena
minas nos acena
entre orduras
& culturas
exportáveis

mendes drummonds mouras rosas
sant´annas cabrais nunes lopes clavers
brancos barrosos prados araújos
ávilas villas & wernecks

– EXPORTÁVEIS?

que penas
apenas
pequenas
notáveis
nada amável
vem e vai um vento
sopra e sai um som
do sena
e minas está aqui
imperturbável.

Paris, 1979

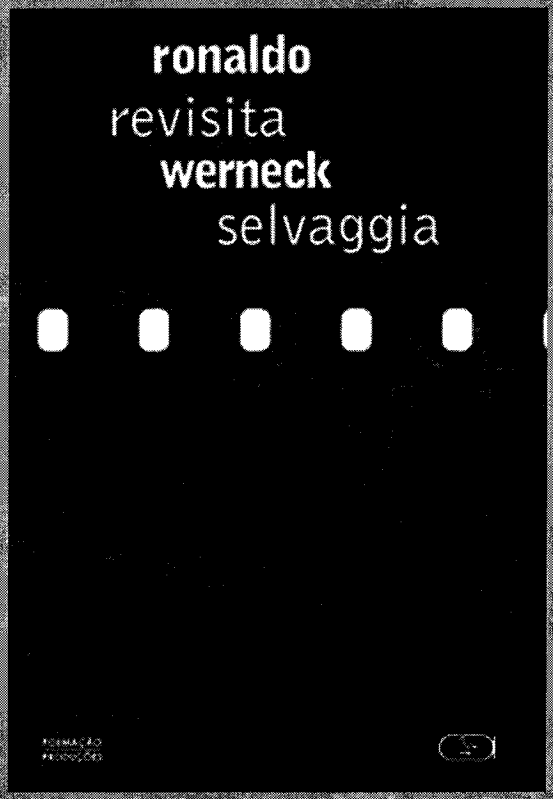
o mar esse trem azul

fragmento

esse mar esse veio de sal e luz
esse tem no meio
um rio que o conduz
esse rio no mar não morre
esse rio no ar flutua
e escorre na praia de minha mão
onde guardo
o sol
a lua
e meu coração
esse azul que a gente grita
no azul l´azur de mallarmé
onde abastecer
ce coeur qui dans la mer se trempe
de lágrimas de nada e mar e amargura
o coração que nada no azul
no azul-azul do mar
da bahia a cor que em mim habita
essa
esse
rio
esse rio mora no mar
que é sua rua de morar

rua de sol e cotidiano
azul que a gente fita
como aquele
aquele
mar-azul oceano
aquele beira-mar
blue que bate e se espraia na palma da mão-caetano
e bate em mim
em minas
esse trem
esse rio-mar azul
– olh´ele aí! –
esse trem
esse troço besta
esse troço de mineiro
esse azul
que me tenta
que de minasnasce
e em mim adentra
esse mar tonto e taful
– olh´ele aí! –
esse trem doido de tantazul

2005



In my beginning is my end.
Now the light falls.
I am here/ Or there, or
elsewhere. In my beginning.
You say I am repeating
Something I have said before.
I shall say it again.
In my beginning is my end.
Now the light falls.
T.S. Eliot, "East Coker" –
fragmento/collage by RW

Tudo ainda e tal e qual
E no entanto nada igual
Caetano Veloso

esse moço

Feroz a um breve contato,
à segunda vista, seco,
à terceira vista, lhano,
dir-se-ia que ele tem medo
de ser, fatalmente, humano
Drummond

um pouco à maneira e para
Maria do Carmo Ferreira

do sexo masculino
uma pessoa
por todos prezada
um bom menino
se apresenta
esquivo
sem bossa
a quem interessar possa

só sozinho
entre todos
um mistério
um troço
um caso sério
o desse moço

amar
ama
na rua
no mar
na cama

amar
ama
oferta seu corpo
a meninas
e mulheres-dama

amar
ama
mesmo fora
da cama
tão de dentro
tão fundo
como se gemendo
envolvesse o mundo

tudo e todos
saltam do peito
do mais profundo poço
dando forma e fundo
a esse moço

pássaros neutrônicos

elefantes levíssimos
patinetes em pânico
balões de neon
nada igual

pipas ensandecidas
bolas de gude
num voo orbital

entre eros e tanatos
decepado
entre fobos e deimos
largado

ao mar
por malasorte
habitado

nau
do ocaso
vau
frágil
vendaval
em vão

duro osso
esse moço.

nu vem mal aimé

para Joaquim Branco

comme si
os DADOS
do mal
armados
como numa constelação
comme si
de um golpe
SOL
dados
do bem
caindo
pela
rampa
do
azar
comme si
lançado
de um LANCE
em circunstâncias eternas

comme si

pluma

solitária

perdida

comme si

do fundo

de um naufrágio

nuvem-nuvem névoa branco sopro

por trás

do SONO

comme si

um SOCO

dentro da manhã

comme si de um LANCE

se desmonte o POEMA

se extirpem

os diademas

comme si

de um reLANCE

se desmanchem os dramas

e salvas se dissolvam

as tramas

do ACASO

comme ça

malcolm lowry´s search

In Dante no, in Shakespeare no,
Nor yet in any library you go.
And in His book you scarcely dare
To hope you´ll find your agony there.
Malcolm Lowry, The Search

a Jair Ferreira dos Santos

página
pó
pound
choice
dante
shakespeare
joyce
vida-amor-estante

shakespeare-pound ou joyce-dante?
no pó da página-instante
nunca verás em qualquer livro
vida que mata e mantém vivo

no pé de página-estante
jamais lerás em qualquer livro
shakespeare-pound ou joyce-dante
ardor que mata e mantém vivo

nunca terás em qualquer livro
amor que mata e mantém vivo
no pó da página-estante
shakespeare-pound ou joyce-dante

sol na rua do sobe e desce

para Antônio Jaime Soares

à sinistra, o sol, o que assombra:
sobre as árvores, o céu tomba
solidário, à espreita:

à destra, o dia anoitece
entre as frestas da tarde estreita:
no coração, a sombra cresce:

na rua, o sol sobra e desce.

Cataguases, agosto 2001

maiakóvski em dois tempos

para Cristina Terra

1.
ver´de vício

com maiakóvski
meu mestre
aprendi
que a vida
está pela 7
com maia
kóvski
meu
mestre
aprendi
a part
ir o verso
sabendo que
o poema
jamais vem
ou sobrevém
da bola tonta
que escorre
mas sim

como as
palavras
da bola que sabe
qdo.
onde
como
por que
morre
com maiakóvski
meu mestre
aprendi a destreza do taco
o sentido exato
do poema
direcionado
com maiakóvski
meu mestre
apreendi
num só lustro a vida
proeza breve
susto
que resvala
de dentro
(d)efeito à toa
de bola fora
que desvairada
do centro voa
bola
laica

assassinada

lou/cabala

descuidada

bola-bólido

que embola

e explode

nas entranhas

sólido

sol de passagem

desarvorado

fora de centro

viagem em vão

voragem

que nas estranjas

sacode

os dentros e adentros do suicidado

com maiakóvski

meu mestre

aprendi

que

bola de marfim

a revolução

é o não

no centro do sim

e como o poema

não está na concha

mas na gema

com meu taco
com maiakóvski
aprendi
a esgrimir palavras
a dar rumo
e velocidade
quem diria
às bolas
ao sexo
e à poesia
fêmea caprichosa
aprendi
a espantar o tédio
não com rosas
mas com a emoção
da *vida e seu ofício*
vodka
trabalho
bilhar
trabalho
fumo
trabalho
conas
trabalho
porradas
e o prazer
do sacrifício

com maiakóvski
meu mestre
aprendi que o poema
é bicho sestroso
é mesa de bilhar
macio e perigoso
estrôncio há
há sob o verde
ah
núcleo
átomo
campo
minado
com
mkvsk
m mstr
aprnd
a explo
o vrs
o verso
como o taco
um estopim
onde se arrisca
a ex-pl-o-s-~a-o
de cada
palavra-bola
com
maia

kóvski
meu mestre
aprendi que
como o poema
e o bilhar
viver
é
vício
e compromisso
e ninguém escapa
da 7
e da sorte
da 7
e da morte
na caçapa
inserta
mas aprendi também
a tentar
outras bolas
a bater
forte
abater outras 7
e outras e outras e outras
às vezes fácil às vezes físsil
estrôncio há
há sob o verde ah
salto sobre a mesa minada
– este o ofício.

2.

brilhar para sempre (*)

o tambor de um estampido
abafa a balalaica
cabala
e a louca que abala
laica bala que entra
veloz varando o zanzar dos hemisférios
– no centro do desconhecido
um vagido em mistério –
no peito a mão sacode a anatomia
e explode o ser-só-coração
a vida se desatina
e não mais bate nem pulsa nem mais oprime
caro vladímir
bagdádi-minas-moscou
na verdade
o século voou
na noite ausente
brilhar
no dia presente
brilhar
brilhar para sempre
é preciso arrancar alegria ao futuro
cintilação no centro do obscuro
a cada dia

a poesia
como o poema
é puro bilhar
é pano de brilhar
e como o poema
que se pressente
e que sobrevém
e que nos redime
também gente é pra brilhar
caro vladímir
de arrebol a arrebol
este é meu emblema
e o seu
e o do sol.

(*) "Comigo/ a anatomia anda errada:/ sou todo coração" . No dia 14 de abril de 1930, Vladímir Maiakóvski, autor desses versos, matava-se em Moscou com um tiro no peito. Ele nascera 37 anos antes, na aldeia de Bagdádi – atual Maiakóvski, homenagem àquele que foi o poeta maior da Revolução Russa. Vladímir era bom jogador de sinuca e, é claro, bom bebedor de vida: "Melhor morrer de vodka/ que de tédio" . Num de seus poemas mais famosos, Maiakóvski conversa com o sol, a quem chama de *parasita* – pois só sabe brilhar e o irrita. Para o poeta, quem merece brilhar sãos os homens. Na transcriação de Augusto de Campos: *Brilhar para sempre/ brilhar como um farol/ brilhar com brilho eterno/ gente é pra brilhar.* Palavras do sol: *Somos amigos/ para sempre, eu de você/ você de mim./ Vamos, poeta,/ cantar,/ luzir/ no lixo cinza do universo./ Eu verterei o meu sol/ e você o seu/ com seus versos.*

RW/Cataguases, 14 abril 2001

rota: fellini

para Neti Szpilman

O que se leva deste mundo?
A que se deve este medo?
São 24 fotogramas por segundo
mais o aroma do vento
Eudoro Augusto/Cinema

CENA 1

que melodia assim lontana e dolce
que fontana que veio de vita
afoito e em meio de mim me toma
e me inunda desse acorde
que assoma e se assume pleno

e me assombra e surge assim
e salta de um cinema
e enfim me acalma
e me leva-e-traz malabarista
de azares muitos
e poucos malabares?

noctâmbulo suspenso
frágil fio saltimbanco
arco derradeiro voo
imenso ardor

salto em branco
vadio desequilibrista
picadeiro vazio fervor
de vida esta dolce lontana vita
que oscila e vibra melodia
que de novo flui

e vem de muito antes
e me preenche e me traz
descoloridos semblantes
caras e doloridas faces
vagos disfarces visões

de vida dolce vita e malencolia
que noite-dia se formam
e me confortam
e me transportam
e me transformam

passado-presente magia
miragens entes mirrados
elos de um tempo semi-perdido
de amigas-amigos e amadas
e mal-amadas belas

belas estrelas belas donas
em seu andor em sua pose
e langor que às escuras seduz
em meio a unguentos em close

e serenos planos plenos de luz

mas sem sinecura sem beladona
que me cure da beleza impura
da dura trama que me rende
e sai desse mergulho de câmera
e me atrai e prende
em fragmentos de fotogramas
restos de rostos remontados

essa aquela imagem que faísca
no escuro e se cristaliza em mito
no clarão da tela
giulietta
magali
caterina
cardinale
milo
anouk
amada
anita
anitona

CENA 2

tudo que em mim criança
e circo e clowns e dança
tudo que em mim convida

para a festa da vida
e roda roda-rota
rota-rota de acordes

tudo que me recorde
tutto che me a m´arcord
ch´è una festa la vita

os pés sujos de infância
têm-pó e água límpida
as mãos sujas de dolce

vita em meio: estrada
rota-receio-ponte
de vida e vitelloni

alegria que dança
tutto tutto que em mim
rimini-relembrança

minas não mais oprime
tudo que em mim menino
rota-rito-fellini

no rádio/na tv/veja você

para el señor don Pablito
justo en sus cuatro añitos

a

no rádio
outonos caindo
na palma de minha mão
na tv
o vento sacode
a cabeleira
a trança
toda vermelha
no rádio
na tv

a folha do não-me-toque
o medo da solidão
venha
me dê mão
o mundo é táctil

como o urso de pelúcia
e prático
e asséptico
como o sabão
e a bola
que escapa
ainda agora
de sua mão

pablo!
pablo!

o mundo é degustável
como o angu
o frango
e o quiabo
é feito de tudo
e de nada
e pode dar dor-diarreia
passa boi
passa boiada
e tigres reluzem
e lobos afiam suas garras
em soturnas alcateias
uma charada
feito de tudo
e de nada
o mundo-panaceia

pode explodir

ou não

absurda granada

que cabe inteira

em sua mão

– mas você não sabe.

b

ainda agora

da fábrica de teletipos

pipocam

palavras-bomba

ou antes

ki-crocantes

fora do seu refeitório

digo

repertório

irã

zimbabwe

sri lanka

afeganistão

fragmentos de fascismo

e uma inesperada

estética da recepção

foi-se

o estruturalismo

e outros instrumentos

de percussão

veja você

no rádio

na tv

vestindo fantasia

tirando a roupa

ministros

de bottomless

comem lulas

no ABC

veja você

na tv

a água é viva

o picapau amarelo

o mundo tranquibelo

malu é homem

e o homem

polichinelo

tem um urso russo

perdido

em seu percurso

tem uma águia cega

capenga

mas cheia de lenga-lenga

uma águia do tio sam

dando rasantes

em países
perdidos
no mapa e na noite malsã
tem
a política do corpo
o urro do lucro
o jogo do logro
tem
em tudo
um gosto
de malogro

C

veja você
o que dá na tv
status
ferrorama
advance
sândalos
desodorantes
escândalos
o tigre da esso
o sabor do sucesso
negociatas
sangue
bangue-bangue
feijoada em lata

cenoura
a 80 pratas
um mundo de ferro
e lama
em que você pensa
sem saber
você pensa
no universo
de sua cama
mas é maio o mês
e sopra do sol
uma chama
aquecendo o frio
o rio
de sua cama
ainda não existem enganos
eles não cabem
na geografia
de seus quatro anos
pablo!
pablo!

hoje é seu o mundo
e descobri-lo
é defrontá-lo
e desvendá-lo
dentro
do tabuleiro chinês

chorar

recua duas casas

sorrir

avança três

entender o mundo

depende do freguês

agora

venha

me dê a mão

jogue – é sua a vez!

Rio, 11.05.80

plano piloto

para Yêda Schmaltz

éter
reter
esplêndido
no centro
de um 707
dez mil metros
dentro
de nuvens
fuselagens
óxidos
monóxidos de carbono
pressinto
reter
éter
reternidade
sinto
a cidade
apenas um ponto
entrevisto
reciprocidade
um ponto
que se entre
antevê

entre a aeromoça

e o uísque

entre ontem

e horizonte

dez mil metros

abaixo

desse excepcionalmente

asséptico

ambiente

a cidade

pulsa

e ainda agora

aciona suas turbinas

a cidade

dividida

em cruz

como um 707

um boeing

alvorando

no planalto

manhã de paisagem

mar de mato cerro

c´errado país-passagem

um boi indo

boeing-paisagem

entre nuvens

pastagem

ave rara

silvos densos

freios

flaps

silêncio

de céu

de selva

que se sonhara

a cidade

agora

é um ponto

que se amplia

cresce

e pulsa

no horizonte

antedepois

futurontem

a cidade

pulsa

o 707

desacelera

e plana

sobre

o

planalto

a cidade

sidérea

intricada

na ferocidade
de artérias
de encruzilhadas
enredada
em vida vias vasos
no coração
do planalto
pássaro
des
atento
des
acionando
o 707
imprimindo
velo´cidade
propulsando
asas
eixo
cauda
cabine
a cidade
um só todos
os 707
do boeing-mundo
encravada
no
altiplano
a cidade

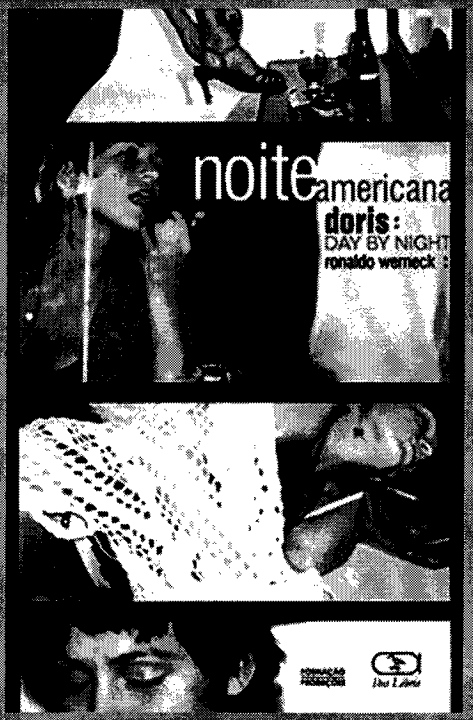
& seus planos
monumentais
a cidade
se alça
se propulsiona
de um só jato
acima
dez mil muitos metros
acima
de um só jato
como a sudeste
sidéreo
um 707
que clama
ao longe
e completa o panorama
etéreo
dividido
ter
reter
um só instante
e o horizonte
reternidade
éter
proibido
a seu habitante

Brasília, dezembro de 1976

2006

E nos irados olhos das bacantes
Finalmente descubro quem procuro.
Não eras tu, Poesia, meras armas,
Pura consolação de minha luta.
Nem eras tu, Amor, meu camarada,
Às costas me levando após a luta.
Procurava-me a mim, e ora me encontro
Em meu reflexo, nos olhares duros
De ébrios que me fuzilam contra o muro
E o perdão de meu canto.
Mário Faustino.

But It's Nicer To Lie In Bed
—eh? I'm
not. Again. Hush. God. Please hold. Tight
e.e. cummings/erotic poems



Já é noite.
Sairei pelas ruas, demorarei
nos bares, na eterna procura de
alguma coisa que não deve haver.
Antônio Maria

acossado

do nada
um risco
no saltimbanco
cotidiano
salto
em
branco :
na noite
um
boxeur
arisco
dando
jabs
a esmo
corte
de
dano :
na alvorada
um
jongleur
levando
porrada
de si mesmo.

galo/calo

entre engasgos
& engulhos
acordo
sinalizando vômito
por mais que o galo cante
ou não
indômito
ou não
há sempre
o levante
e a surpresa deste dia
onde brindo
antes
mais uma vez
à polissemia
ou não
é isso
não
é isso
de repente
me calo
e deixo ao galo seu ofício

tão inesperado
tão súbito
e violento
esse cantar
tão cantar
esse cantar
tão nunca mais
tão auroras
tão sinfonia
de perdas & pardais
tão cantar
esse cantar
tão agudo
tão grande
tão ancho
que a ele
me agarro
gancho
para mais
este dia
que ofereço à poesia

NoTerraço da Tijuca
Rio, janeiro de 1980

& meta-poema

a Affonso Romano de Sant´Anna

A Rua Dr. Sobral, Dr. A.C. Sobral/
começava no cemitério velho/
e se acabava na zona./ O poeta Ronaldo
Werneck foi parido ali (quer dizer... numa casa
de família) mais perto do confim, com uma
insofreável pendência para as mulheres,
coitado do poeta, de entre cujas pernas delas
ele extrai a maioria, digamos uns 80%,
de seus poemas vertiginosos
Francisco Marcelo Cabral

erra
quem no poema
introduz
a palavra puta
não pelo que em si encerra:
mas pela forma impoluta.

mais vale égua
– trepada sem trégua
mais vale vaca
– estuprada a faca
mais vale lady
– mesmo que ela peide

mais vale mãe

– ganhe ou não ganhe

corte de seu poema

puta palavra pura

este alazão esconso

cravado em sua gema

o que fica

é um resto de pica

que freme

– sans cesse –

endurece

enobrece

& dignifica

o que

dobra

e fica

é só sua obra

o que sobra

do poema

germe

sêmen

que salta

&

– upa! –

se catapulta de sua garupa.

baixo copa

night´n´day
doris
dança dentro do dia-
noite
doris dança
doris day
sim
doris day by night

oh nua
lua
suja
de suor
doris
navega em vão
suas nádegas
five
six
seven
eight

mulatas mulateiam suas bundas
cinco-seis-sete-oito
sob o som da lua

blue

moonlight

strass

stress

brilhuzindo

sobre doris

day sim

day by night

só-só sob a solidão

do spotlight

Boate Erótika/Rio, 1983

noite africana

lua
luar
despenca
sobre
O
mediterrâneo

amanhã
arafat
chegará

manchas de morte marcas
martelam o marrocos
na branca argel o mar
– arafat chegará

– de la bière, messieurs!
há no stand austríaco
rotundo coquetel
– arafat chegará

teia teia de estrela
autrichienne stella
artois pão scotch
– arafat chegará

magia magiar
requebra in the night
georgia húngara star
– arafat chegará

sim é aussi agreste
frenchenglish georgia
seu ar de buda-peste
– arafat chegará

bleu-blue danubio broken
my heart mon coeur deserto
lua lua luar
– arafat chegará

luzes emprenham o ar
os cílios de georgia
exalam cabochard
– arafat chegará

dentro de la nuit
o tuaregue azul
azul ri sem parar
– arafat chegará

sob argelinos olhos
dança georgia dança
sans son aãdjar
– arafat chegará

árabes de mãos dadas
cerco georgia cerco
ar parado no ar
– arafat chegará

rien de tout sabemos
do front saharaoui
oui lá mes amis
– arafat chegará

a orelha não há
l´ami saharaoui
é mesmo de assustar
– arafat chegará

no deserto a orelha
cai no front sem lugar
areia luar
– arafat chegará

não ninguém ninguém mais
ninguém bebe riccard
nem georgia mais há
– arafat chegará

preto-branco perturba
a turba o turbante
instante de arar
– arafat chegará

do chão de casablanca
brotam les roses-au-sable
pedra pó estelar
– arafat chegará

luz de não acabar
sim aujourd´hui
manhã cheia de mar
oui – CHEgARAFAT!

Argel, setembro 1979

clean/clown/click

para Marisa Alvarez Lima

clean
o olho de marisa
não vê
– analisa
clown
por trás
da câmera
o olho-espelho
compõe
cenas & personas
em superfícies
lisas
click
o olho-lente
flagra
num fragmomento vivo
o flou
o fluir do lascivo
o tempo
por trás
de cada
máscara

chique

o olho-mago de marisa

clica

detém

&

detona

emoção

precisa

– fábrica de requintes

o olho-câmera

clean

clown

click

enquadra

o avesso

vão

da vida

is´a beautiful

isa beautiful flor na linhagem direta:
mulher dodecassílaba, ar azul álacre
sol – como herança o som e o sangue do poeta
olavo brás martins dos guimarães bilac.

sabe a surpresa o beijo-baque, surdo sopro:
isabela maria guimarães peixoto

a moça alexandrina
como um meridiano
sol: perfeita cesura
olho azul na neblina
farol de formosura
facho na noite-engano.

me espera
miss bela
is bela
ilha bela
bela
is´a beautiful
e esplêndida
pretty-girl

guia dos guimarães
na pele dos peixotos

anzol de presa azul
peixe que pulsa afoito
os olhos a doer
nos seus-meus olhos-olhos
tontos de olhar-arder
corpo-tato-abrolhos
– flora floresta em flor que aflora magnífica

bárbara by starlight

Bárbara bela
do norte estrela
Alvarenga Peixoto

ensinaram-me o céu e mais
amor, mar que da noite vem
véu vândalo que se desvela

em vão: amor, meu confessor
vaga cintilação de púbis
e pênis-vida toda láctea

toda via vai e se esgota
ao norte – órion no olho
em cruz: rasgo no escuro, marco

maior na ursa que se esvai
ao sul – scorpio na rota:
cisco na libra, barco, ilha

ensinaram-me mar e céu
amar, amor, que me ilumina
– estrela do norte: estrela

Cataguases, 1993

perfume

Amor, que vence os tigres, por empresa
tomou logo render-me; ele declara
contra o meu coração guerra tão rara
que não me foi bastante a fortaleza
Cláudio Manuel da Costa

o amor sai pelos poros
e me inunda de desatino
por ti
sou torto tato
os dedos cegos
enfim
apontam a ternura
por ti em mim
carrego
o sândalo
sol que ensandece
e exala
a pele
o prazer
a prece
a ungir nossos corpos
sobre o sal
suor que entorpece

Cataguases, 1989

a morte é bailarina

a Bob Fosse

Dançar não é coisa aprendida,
Mas o aprender-se cada dia.
Por isso, que pus no baile
A morte e seu arrepiar-se.
Ela faz mais denso o meu gesto
E só virá em meu dia certo.
João Cabral de Melo Neto

no escuro da sala
vida-vida
jaz ao longe
coração que se apaga
e afaga a fita gasta
a rara
emoção
que trouxe
– jazz ao longe
jessica lange
ou coisa que fosse
brilho-ritmo-spots-fascínio
– sim-sim
fosse o menear de mãos fosse
o ofuscar de luzes e quadris
fosse o luzir do cedo fim
o que quer que fosse

pulsar do medo que anima

esse leve corpo em declínio

esse que nunca desafina

– esse corpo tem domínio

oh dama rara!

– sim-sim

bela dama que me chama

– esse medo de ti em mim

anima

animal em desatino

fosse ou não fosse

jazz aqui

jazz ali

o velho menino

bye-bye love

jessicALL THAT JAZZ

& fascínio

bye-bye life

bye-minas bye-bye

yes-yes-bye-loneliness

bye-bye-meninas

bye-bye happiness

bye-bye

sopro de noite que por trás termina

yes-yes

antes que em dobro o sino dobre

aqui jaz all that jazz

bye-bye bob

bye-bye
vida veloz e franzina
fosse
ou não
fosse
a morte bailarina

tourn´âge d´or

semi-clarão de spots
luz no centro do círculo
luz pálida mortiça
média-luz vaga-lume
luz no acanhado queijo

surge seu circo esquálido
seu espaço-obsceno
tourn´âge d´or de doris
pleno palco-proscênio
e nada fitas, nada
fitas a se enroscarem
em pernas tornozelos
desenhos de tecidos
sandálias-serpentes
coxas
coxas acima
do fiapo ventral
té os peitos em pé
faróis teus seios doris
day by night faróis
e curvas mas que curvas
fitas o nada, doris
night no espelho em frente

e não vês e não vês

a si mesma num jeté

jogado em pirouette

curva-se de cintura

em seu cambré capenga

changement de narcisa

só as pernas esplêndidas

soltas no cabaré

tourn´âge d´or a vida

doris a vida em volta

Boate Sayonara/Juiz de Fora, 2006

enjambement

que
da
paixão
se partiu
só
sal
do amor
sol
sólido cio

daylight na atlântica

para Ulla

Mattina
M´illumino
d´immenso
Giuseppe Ungaretti

it´s daylight
c´est du matin
mattina

o sol explode azul
por toda a orla e o mar
o mar o mar de gente
que pressa
que apressadas
que ofegantes
enquanto
antes
bebo água de coco
e fumo e aspiro claridade
essa manhã imensa
chame dia
o dia
chame ar

o ar
o mar arrebenta
marvimento branco-azul
por todas as ondas
enquanto
um velho & sua bengala
sós sobre a areia
na areia sal & sala
onde
meninos vendem
amendoim
& morte
para
nobody
nessuno
& netuno
expulsa do azul um cisco
um peixe
que pulsa
arisco
& espadana
pleno
de nada
& alvorada
o sol já nasce
escarlate
e outro outubro
de novo bate

a poesia
é signo
sema
o poema
sêmen
sintaxe
e outro outubro
de novo bate
sabe o mundo
a sândalo e chocolate
e outro outubro
de novo bate
escreviver tem hoje
novo quilate
quando outro outubro
de novo bate
o mar
as ondas
o verde-azul
queria dar-te
pois outro outubro
em mim bate
do tempo a primavera
inda é parte
outubro outro e outro
outubro
de novo bate
amar faz parte

e outro outubro
de novo bate
peixe-espada
delfins
merluzas
albatrozes
estrelas-do-mar
corais
espadartes
ao sol de outubro
que de novo bate
amar faz parte

Av. Atlântica, Rio, 26.10.1985: Matina

deo gratias

a cada dia
gratias
pela precipitada
oclusão
das coronárias
gratias
deo gratias
pela sangrenta liturgia da alvorada
por essa rara obrigação
de recomeço
gratias
pelo trôpego pulsar de tropeços
deo gratias
pelo não de nadas
o mundo de areia
e veredas de veias avariadas
gratias
gratias
deo
deo
deo
gratias
jucundas e diárias
pelas caminhadas
em meio ao mar de bundas várias

2008

MINERAR O BRANCO

III

O escuro se nutre
de alvas
o claro de escuridões,
Poemas, de que
se nutrem?
De poesia algumas vezes
como o Diabo se nutre
de Deus, quando
Deus existe.
Guilhermino Cesar

escrever é um suicídio branco
não escrever, um suicídio em branco
Sérgio de Castro Pinto

olha cá

we know
é arte/fato
é arte/físsil
mas deixa doer
il faut
escreviver
por
vício
puro
viço

preto nu branco

Tudo bem oculto/ sob as aparências/
de água-forte simples:/ de face, de flanco./
O preto no branco. (Manuel Bandeira)

não leia
de arranco:
opresso é
o poema:
eco
mas a poesia
salta
do branco
– *ecco!*

tato nas tetas
– e aproveite:
são
compassos
os pretos
dispersos
nu
branco
retretas
leite
submerso

a poesia nos braços

Il faut boire jusqu'à l'ivresse
Sa jeunesse!
Charles Aznavour

quand
je la prend
dans mes bras
minerar
em minas
o pó do poema
quand
elle me parle
tout bas
mineirar
em mim
palavras-emblema
em meus braços
o pó do poema
a poesia recompõe
em meus braços
a poesia
m´a dit des mots
d´amour maudit
il faut boire
a poesia
jusqu´à l´ivresse

a poesia
tout sa jeunesse
anoitedia
a poesia
surdo som que entorpece
quando
a tomo em meus braços
e beijos
à la vie en rose
há que beber
pois
poesia pois
elle est retrouvée
madame eternité
o mar em mim
enluarado
em minas-minério
o pó do poema
minerado
em mistério

a(guardar) godard

A l'ombre de nous/ restera toujours/
au nom de l'amour/ un goût d'éternité
Pierre Barouh

assim ressolto um sol cai n´água
um sol d´été que aqui soçobra

à l´ombre de nous
restera toujours
um sol-pierre barouh
qui nous brûle et nous dévore
encore-encore et encore

paris até
été partout
un goût
(d´éther-nité)
à la bouche
paris le soleil
bateau-mouche

solta-se do céu
la tour eiffel
e ressurge n´água
e some sob a ponte

e faz visage au pont mirabeau

e toma súbito a paisagem
pas de problème tudo belo-beau
lá-bas encore
et au-dehors
coule la seine
alors
mais, qu´est-ce que je peux faire?
– pierrot, j´sais pas quoi faire!
ma ligne de chance! ma ligne de chance !

antes que a linha de minha sorte avance

(a)guardar godard
le fou-bavard
pêut-être
lire
apollinaire

Paris, verão 2006

nada essa balada
no ar do harry´s bar

vaga aqui na mesa onda que entorna/
e escorre grave onde escrevo mar/
e grito e grafo alto mar/rio de ruas recorte/
relevo que se solta e cai sobre a aurora/
no centro/na mesa /mar/ de veneza/
mar sem eixo/papel-palimpsesto
RW

pela penumbra envolto em fumaça-martinis
ernest hemingway-só entorna seu last dry
nada no mar nada no ar um barco nada
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

nada na calle vallaresso: só san marco
nada no mar um barco no ar nada mais
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

papa rediz de nada mais só tenho nada
perto de papa nada medo nada mais
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

but back in harry´s mister hemingway emborca
seu metro e oitenta e três a calva branca barba

hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

fronteira entre o fato e a frouxa ficção
papa again papa bebe e baba seu cigar
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

de seu canto ernest olha o nada absoluto
na mesa de veneza nesgas – pouca luz
só passado-penumbra há no harry´s bar
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

hemingway-só fiapo de sol se levanta
e nem nunca de núncaras ali se põe
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

já balança seu barco ernest pra san marco
na praça pombos voam-sujam brancas barbas
pelas vielas tontas a vagar vai papa
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

sol sobre a sombra se levanta papa hemingway
e para sempre some ido sol de vidro
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

no escuro harry´s a cismar e já moído
preso pela beleza que lá fora explode
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

por canais tortos ernest aderna à deriva
a entornar o corpo hemingway se esvai
e não mais vê pontes palazzos vaporettos
hemingway mais não há e eu cá no harry´s bar

um tintoretto passa – perde-se no azul
o barco-hemingway desprende-se da poita
ao largo um sopro: cristal murano e mais nada
hemingway mais não há e eu só no harry´s bar

Harry´s Bar, Veneza, 2006

ascânio em 4x3 (*)

E, dentro em nós, uma sombra infinitamente maior
Ascânio Lopes, "Serão do Menino Pobre"

ressurge ascânio estranho e triste
suspiro, sombras de um serão
antigo-atávico: de antanho

vinte e três verdes voos vãos
o sol em volta, solidário
sobrado só, sol de subúrbio

pálido sol, quatorzevoltas
que em si assomam, sanatório
sereno – sol sombrio e seco

som que ressoa triste-estranho
escarro-toss-toss-escansão
ascaniascaniascaniascânio

(*) ASCÂNIO LOPES QUATORZE VOLTAS voltou pela última vez a Cataguases aos 23 anos, para morrer no dia 10.01.1929. Vinha de uma temporada de tosse e sangue no inferno (Dante-Rimbaud) de um sanatório de subúrbio em Belo Horizonte, onde fora estudar Direito e acabou tuberculoso. Rosário Fusco dizia que a maior virtude do poeta era

a sinceridade: "Sinceridade, coitadinho, até no sofrimento" . Suspiro, sombras, serão, sanatório, sol-sombrio: mais que meras aliterações, essas palavras tão sintomáticas no universo de Ascânio surgem aqui como a própria ossatura do meu poema – forma & fundo. *Ascânio em 4x3* vai em homenagem aos 90 anos de seu nascimento (1906-1929). Em *Confissões de Minas,* Carlos Drummond de Andrade registrava a perda de Ascânio e a amizade entre os dois poetas nos tempos de Belo Horizonte:

"... Discreto até o fim, Ascânio Lopes foi morrer em Cataguases... distante, mas realmente bem perto de Ascânio, eu fui dos seus amigos mais certos... A Rua da Bahia não conheceu bem Ascânio Lopes, que passou por ela como um automóvel. Há os que sobem e há os que descem a outrora famosa via pública. Os que sobem gloriosos e aplaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascânio desceu com o farol apagado, sem buzinar, e desceu para sempre" .

(*Rio, 1996*).

mar de camões
amar florbela espanca

– O que tens, bela? A que vens, Florbela?
– Mar de dor, dor a navegar, Camões.
Velas, clarões de carabelas velhas,
trôpegas, tontas sob o azul: canções.

– E tu, Luís, aonde vais, aonde?
– Mar de Camões amar Florbela Espanca
que se esvai: mar, Flor, bela flor: responde
amor, ao brado de seu bardo e canta.

Mas donde vens, vela, branca luz e tanta?
– Do mar me tens: mar, mar, maralto e largo
Flor D´Alma Bela da Conceição Espanca

esse mar, fado, mar de outroragora
doce amar, tanto mar que amar amargo.
– Flor, bela flor em desconcerto: chora.

baden-baden

a Baden Powell

só restam rastros de paixões que explodem
baden baden baden
pólvora
violão-de-outono
intento
violão-verlaine
longo-lento-lamento
violão veloz assim jamais
jamais assim violão-devir
nunca
nunca mais ao vivo
ver
ouvir
ou/ver

tudo tão íntimo assim
baden-violão
um os dois
irmanados em hímen
insanidade
complacência

e logo
em pecado
enroscados
e pecado
não havia
dois amantes
a se integrarem
a se entregarem
em sons só poesia

nunca
nunca mais
acordes alucinados
alucinantes
inesperados
nunca
nunca mais
baden de branco
e fala magra e mansa e magro
e tão mago e leve
como se no fim por vício
levitasse
como se pelas veredas de vinicius
seu violão voasse

alger la blanche

À l´heure oú le soleil déborde
de tous les coins du ciel
Albert Camus
A cidade nunca foi tão branca como no momento/
em que Ronaldo Werneck a olhou/ lavada pelo sol que
dispensara todos os prismas/ e fuzilava/ os cristais de cal e alvaiade/
até a cegueira.// Nada mais foi tão branco em sua vida/
após essa dura ausência da sombra.
Francisco Marcelo Cabral

nouas
nouas
grita o árabe
por trás
de mim
do mar
de tudo
avenue mohammed V
três da tarde
em alger la blanche
el-djezair el-beida
nouas
nouas
também grito
de la bière
e bebo
de um só trago

a cerveja
quente
birra-birra
de la bière
gente
de la bière
birra-nouas
nouas
um árabe
que só
embriagado
poetava
nouas
um humor
que bem lhes cabe
nouas
meu poeta
bebo
de sua bière
e a birra-vida é incerta
mas
que nada
entre cartazes
no calor do café
e de mãos dadas
rapazes
bebem limonada
maaloum

ça c´est normal
na calçada
argelinas
apressadas
trafegam
seus haïcks
seus aãdjars
com
penetradas
no frisson
da rua
presas
ao comovente
solitário
universo
de veladas vestes
inexpugnáveis
semoventes
tendas que ardem
na tarde
inatacáveis
à primeira vista
tendas afáveis
quando se arrisca
a nouas movido
locomovido
o árabe
se volta

e grita

el-nissa haninate

les femmes sont tendres

doces são as mulheres

el nissa haninate

e sorri

entre não-dentes

e a casbah

despeja

argelinos

no centro

da tarde quente

sinal fechado

um cão late

no trânsito

assomado

de dignité

merde

merde

à parte

o guarda

aponta signos

para meninos atônitos

sinaliza

faróis tardios

a quem só sabe

de moutons

e do lerdo transitar
cordatos
sem vestígios de sangue
os carneiros
de cada dia
atravessam agora
a extensão da mohammed V
paro
para souvenirs
e roses au sable
três belles
desço
sem rumo a el-marsa
ao porto
tropegando
em rosas
do deserto
birra-bière
decerto
em mercadores
tuaregues
vendedores
de tudo e nada
nada
tem de branca
argel
el-djezair
alger

sua cor-paisagem
é a de salvador

cor de passagem
mar que se esvai
miragem

Argel, setembro de 1979

nunca sem poesia

Todo homem saudável pode passar sem
comer durante dois dias – sem poesia, nunca!
Baudelaire/ Da Poesia, traduzido por Ivo Barroso

dois dias sem comer
sobrevive um ser
saudável: subvive

sem poesia, não:
não vive nem um dia
– nunca sem poesia

viver este poema

po
vi este po
sem ver te poema
eu
vou sem
viver
es po
eu
não
não vou
morrer
não vou eu
morrer
não vou eu sem ver este poema
sem poema
não
vou
sem viver
eu
não
eu vi
ver este poema
eu poema
eu este poema
sem ver
viver
sem viver
não vou
morrer te poema
não eu
sem poema
sem viver este poema
não
morrer não vou eu sem viver este poema

2012

Os rios não são/ parados ou rápidos,/ alegres ou tristes,/ são rios
Jorge de Lima in Invenção de Orfeu, Canto I, X

Murilo Mendes cada vez/ que de carro cruzava um rio,/
reverente, tirava o chapéu/ e entredizia na voz surda:/
Guadalete (ou que rio fosse),/ o Paraibuna te saluda.
João Cabral in Agrestes

Já Ronaldo Werneck, sempre/ que um rio vê, nele minera/
fluxos-refluxos pombeanos,/ a todos acena, viva.../
e pleno, como só ali/ vivendo deles se livrasse.//
Tejo, Tevere, Manzanares/ e Murilo, João e Jorge,/
el river Pomba vos saluda/ – mar e margem, fio que foge.
RW in Sobrenada

os pés do moleque

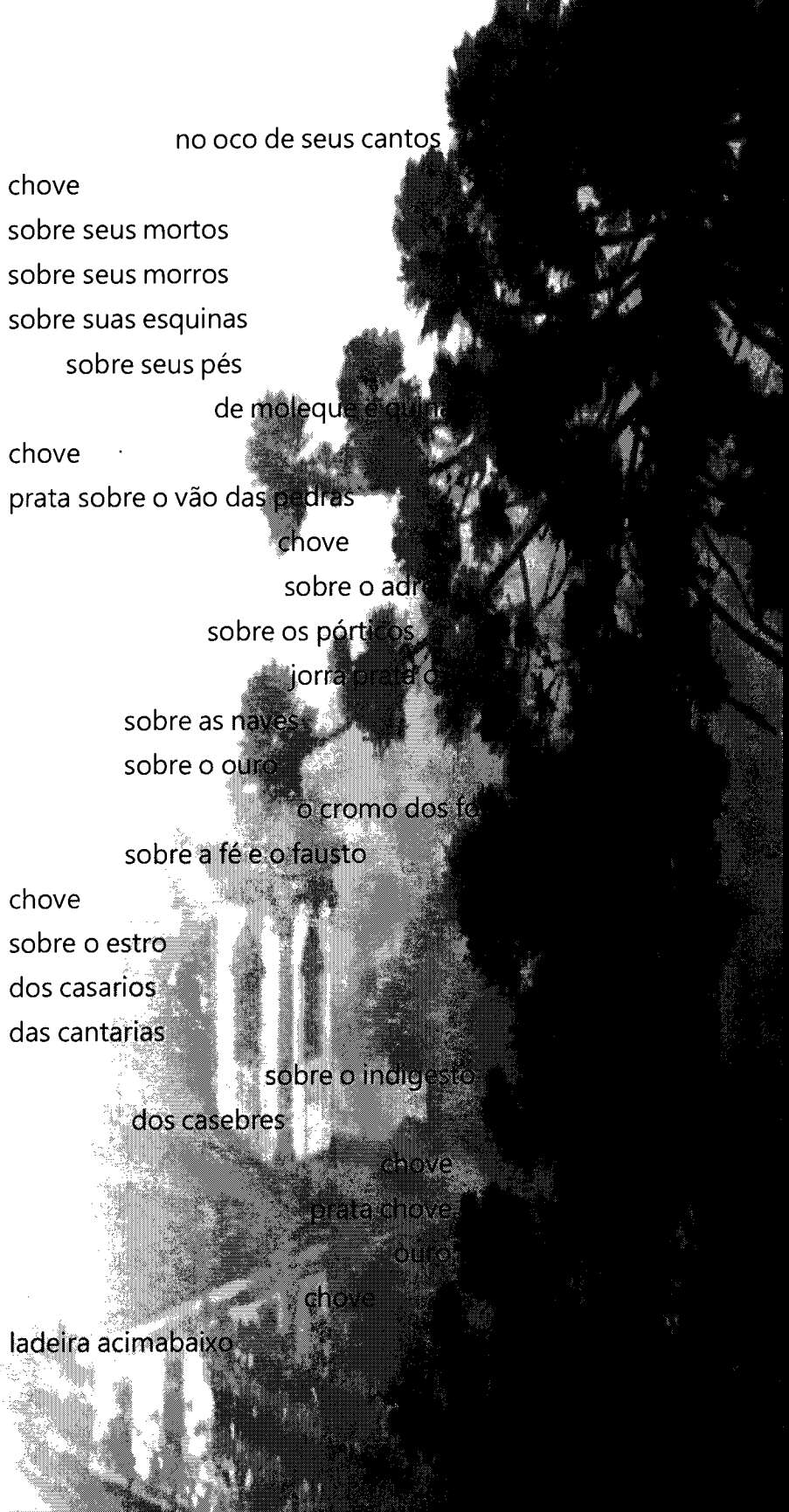
no vão de nuvens-árvores
livres leves lampeiros
serelepes: seus pés
de moleque que ri
a pássaros-preguiça
nos levam: flash vivo
e tenso como flaps
vadios e em vão: como
asas em sua casa

ouro preto chove prata

Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove
Olavo Bilac

para Angelo Oswaldo

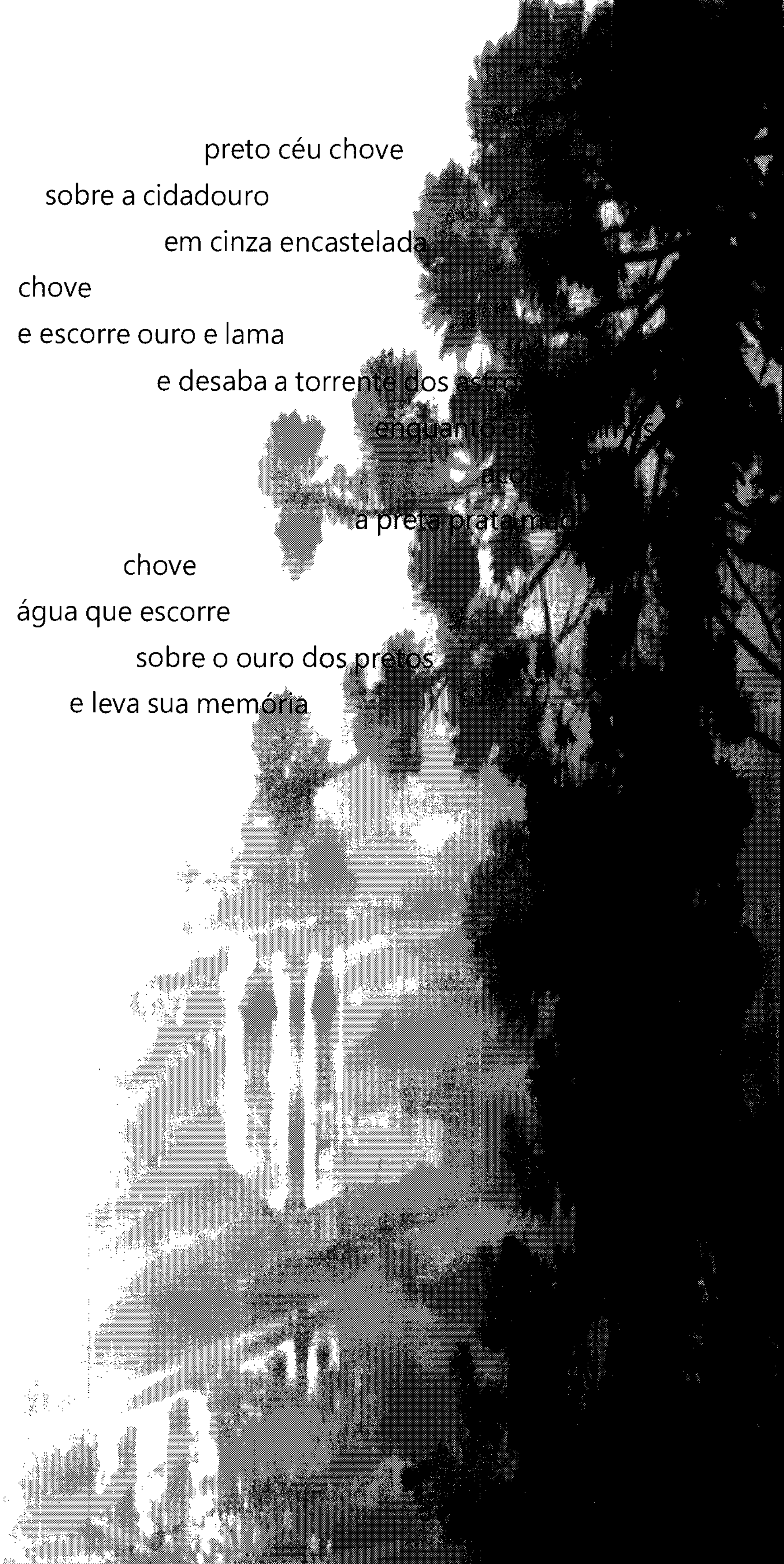
chove
enquanto acorda
preta limpa
prata límpida
manhã
chove
sobre a cidade [illegible]
em sabão e pedra
encerrada cidade
em chuva desperta
chove
em cerro e cerração
lacrimejando prata
ouro branco-preto
acorda enquanto
torna água a manhã
chove
sobre a casa dos contos
sobre o ouro dos pretos
a cântaros chove
sobre o barro e o drama



no oco de seus cantos
chove
sobre seus mortos
sobre seus morros
sobre suas esquinas
sobre seus pés
de moleque e quin
chove
prata sobre o vão das pedras
chove
sobre o adr
sobre os pórticos
jorra prata
sobre as naves
sobre o ouro
o cromo dos fo
sobre a fé e o fausto
chove
sobre o estro
dos casarios
das cantarias
sobre o indigesto
dos casebres
chove
prata chove
ouro
chove
ladeira acimabaixo

preto céu chove
sobre a cidadouro
em cinza encastelada
chove
e escorre ouro e lama
e desaba a torrente dos astro[illegible]
enquanto e[illegible]s
aco[illegible]
a preta prata mad[illegible]

chove
água que escorre
sobre o ouro dos pretos
e leva sua memória



nas gretas grutas

Nunca me perguntes, amado,
por que a virtude, acostada
ao acerto da gentileza e da arte,
penetra em mim como lavor do mundo
ou como flor amarrada a seu jardim.
Lina Tâmega Peixoto

na noite como se valsassem
das gretas grutas nos desvãos
frutas viúvas virtuosas

vagam em vão pela varanda

havia várias virtudes
havia vagas vulvas virgens
havia amor e magnólias

amor que arde e tarde amor

nos vãos desvãos largos voleios
na noite como se valsasse
o amor em si se esvai mas vem

e volta súbito sabor

castiço amor calor tamanho
de nunca mais nunca jamais
amor assim amor e tanto

nas gretas grutas invocado

pela varanda devagar
vivas viúvas vozes vãs
tão tarde tanto amor tecido

no tempo alarde no acalanto

vagam viúvas virtuosas
nos vãos desvãos largos voleios
vulvas viúvas vulvas virgens

ardem nos vãos pela varanda
das gretas grutas nos desvãos
e em vão invocam desvarios

na noite como se valsassem

Cataguases, 27 abril 2010

rio-paisagem

para Lina Tâmega Peixoto

un caminar de río que se curva,
avanza, retrocede, da un rodeo
y llega siempre:
un caminar tranquilo
de estrela o primavera sin premura
Octavio Paz/ *Piedra de Sol*

é ao mar que se destina
mesmo se não chegar
ou se nele por sina
outro rio desaguar
um rio sempre ensina
seu mar adocicar
mesmo quando outro rio
por nele dessalgar
sugar o céu sugar
e no embate no cio
entornar doce mar
fica o tempo à margem
o rio sempre outro
e lá vem outro rio
imagem que acabou
do passado não sai
passa passa passou
fio que se pressente

é rio que vem-vai
nunca se faz presente
fio que chega e sai
presente por imagem
perpassa o passado
essa palavra-rio
e pressente o porvir
e passado-presente
viagem viva fio

rohayhu asunción

para Henrique de Morais

fumo lark
bebo cutty sark

pela varanda
de mi habitación
no chaco hotel
el rio paraguay
adentra azul
y largo y bello

fumo lark
bebo cutty sark

no porto
navios
descarregam
scotch seda
chinesa cachemere
inglesa gabardine
italiana calculadoras
americanas
¿quién sabe?

fumo lark
bebo cutty sark

além do rio
o chaco é qualquer coisa
entre verde piscina
petróleo y esperanza

duas horas de julio
na tarde estática
y aunque el rio
paraguay boia
no tempo y en la siesta
chipa con el tereré
sim assim de don julio em julio

fumo lark
bebo cutty sark

são duas
como duas
são as cores
del rio
y del chaco

vista assim
súbito

é marítima
a paisagem
rio-chaco
como em brasília
é marinha a passagem
entre a solidão
e o cerrado

fumo lark
bebo cutty sark

refrigerado veloz
movido a chivas regall
vai o volvo voando
pra quinta
del señor melamed

janto negócios
lomito
vino alemán
y charutos darks
nem lark
nem cutty sark

mañana el mercedes
y el óxido sembró cristal y níquel
do lorqueano señor consejero
me espera para a parrillada

de sanchez mejias

a las cinco en punto de la tarde
violão
& cognac francês
liberam leonor
outra & outra vez
prum bravo bravíssimo
recuerdos de ypacaraí

hace frío
compro meias argentinas
alivio a garganta
com pastilhas inglesas

&
fumo lark
&
bebo cutty sark

na plaza de los héroes
sob o luminoso
onde se lê
paz
trabajo
bienestar
con stroessner

el niño
me vende cigarrillos
y scotch
e oferece
por mil guaranis
el cabacito de la hermana
– GRACIAS!

bebo lark
fumo cutty sark

Asunción del Paraguay, 1977

el manzanares en madrid

para Amparo & Dilermando Xavier

bajo la puente
de toledo
passa pardo
el manzanares
mas não está ali
o azul do céu
a claridade
de madrid
é antes
um fulgor
fenecido
amarelo e triste e barro
bajo la puente de toledo
longe
ao largo da gran via
ele não vê
velásquez
las meninas
sombra
&
espelho
bajo la puente de toledo

longe
ao largo de cuatro camiños
da puerta del sol
do quijote y su sancho
troncho
fora da plaza de españa
ele não reflete
a alegria das tascas
o alarido das mezóns
a vida explodindo
na plaza mayor

bajo la puente
lento
ao largo de la carretera
que leva a toledo
el manzanares
é um rio sem lastro

tímido
& triste
ao largo
dos mercadores
do rastro
é antes
um rio fechado em si
um rio-lago
um rio del cante-jondo

pardo-tardo-redondo

bajo
la puente
de toledo .

longe
ao largo da cadência
do flamenco
do frisson
de los tablaos

ali
junto
à plaza de toros
el manzanares
é um rio
e não é

– **OLÉ!**

Madrid, 1979

l´arno a firenze

Yo entré en Florencia. Era/ de noche. Temblé escuchando/
casi dormido lo que el dulce río/ me contaba./
Yo no sé/ lo que dicen los cuadros ni los libros/
pero sé lo que dicen/ todos los ríos./
Tienen el mismo idioma que yo tengo
Pablo Neruda/ El río, in Las uvas y el viento

como antes
la luna
a mesma
de dante
& petrarca
a mesma
se via

sobre a água
refluxos de poesia

il ponte vecchio
namorados
amurada
a mesma
vecchia notte
de onde
luzes profundas

jorram exéquias
sobre il duomo
gli uffizi
a piazza
de la signoria
e david
& sua funda
e david
& sua grega bunda
mofo
elegância
medici
michelangelo

el tajo/tejo: toledo

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia.
Alberto Caeiro/ O Guardador de Rebanhos

miúdo

em toledo

el tajo é tudo

el cid

el greco

um fiapo

de ouro

lânguido

escorrendo

longevo

das escarpas

do medievo

the river thames

Sweet Thames, run softly, till I end my song
T. S. Eliot/ The Waste Land - The Fire Sermon
a Sérgio Ribas Câmara

não o veem
os leões de trafalgar square
os businessmen da city
não o veem
as ladies do harrods
os vagabundos do soho
não o veem
os punks de portobello road
os noctâmbulos de piccadilly circus
mas ali
está
fixo à paisagem
pano de fundo
mescla imantada
como
the london tower
the houses of parliament
o rodin
dos burguers of calais

as frutas ao sol
no covent garden

reluzindo
com a elegância
& a falsa displicência
o verniz & a non-chalance
dos manequins
de oxford street
reluzindo

ele
corre
sob
as pontes
sob

vauxhall
lambeth
westminster
waterloo
blackfriars
southwark
london bridge

ele corre
como
se
não passasse

ele corre

prismando

o chumbo deste dia

the river thames

passa

como

se

parasse

súbita fotografia

Londres, 1979

l´oise: rimbaud retrouvé

Meu querido poeta: Elle vient... Qui? L'âge/ melée
au crepuscule,/ mas não para os Poetas (sages)/
ces gens éternelle/ oiseaux hors de la cage/ amants
et – ça cést vrai et meilleur/ aimés par la vie.
Francisco Marcelo Cabral, 1999/ Poema para RW

o oise é um rio
que no mar aportou
asa do acaso ou quase
lá deságua rimbaud

Qu'est-ce que c'est?

pois é

Elle est retrouvée!

– Quoi? – l'Éternité!

ao sol que se esvai

rio-mar mesclado à tarde

C'est la mer mêlée
Au soleil

sol apenas

Elle est retrouvée!

sol-eternidade

Quoi? l'éternité!

sol que sai de cena

C'est la mer allée

Au soleil

rio-mar partido à tarde

la mer retrouvée

vem eternité

ao sol que se esvai

mesclado ao mar vem

mêlée au soleil

muita eternidade

vem do sol que arde

rio-mar mesclado à tarde

C´est la mer allée

Au soleil

vem eternidade

sol que vai

mesclado ao mar vem

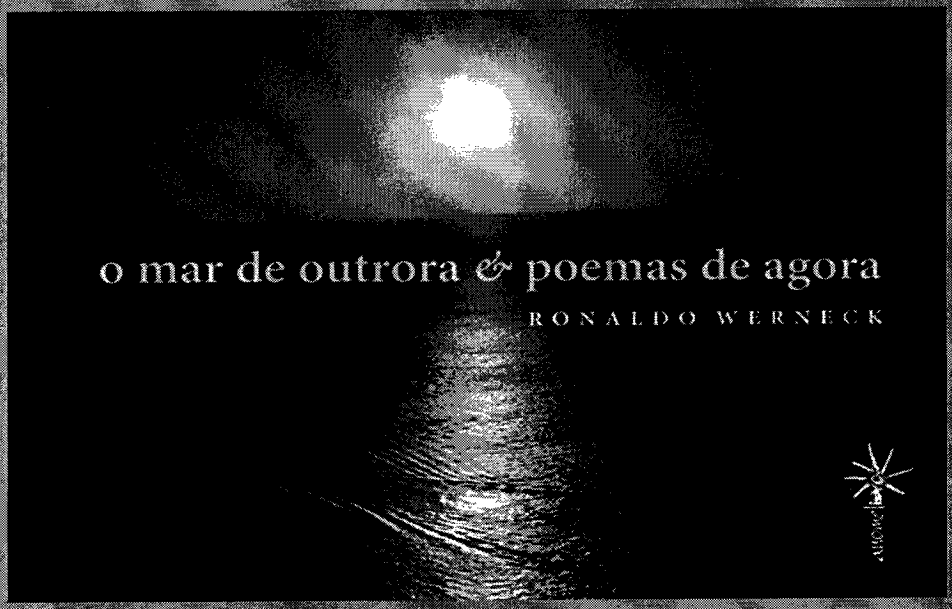
olha cá meu senhor

sem o sol de rimbaud

o oise é um rio

francês de cataguases

2014



Mar onde jaz sal e sol, céu tombado. O mar onde me aprofundar. O mar e seus tropeços, o mar-em-mim e seu recomeço. Fascínio lontano, onda ancestral que bate aqui, na praia de um menino antigo. Mar de papel, mar da memória, mar-palimpsesto. Ave. Quer dizer, peixe. O de Marianne Moore, aquele. Prata que na água cresce. Mar que nele envelhece.

RW/2014

Eis o mar: era morto e renasceu
Eis o mar: era prodigo e o encontrei.
Jorge de Lima

Midi le juste y compose de feux
La mer, la mer, toujours recommencée
Paul Valéry

o mar-em-mim/fragmento

mar manhã mergulho
o céu soldado no horizonte
maré de meio-sol e armadilhas
fronteiriço bifronte
o mar
onde me aprofundar
vertente
voragem
vértice
vórtice
vertigem
nau que vai
e vem e
salta do centro do céu sol em meio
oblíquo véu que nuvem
espelho d´água vórtice de alice
de mar e tarde plana e tonta e tanto alarde
corte
vermelho
recorte
espelho pleno o céu
dado no horizonte

novelo
fio fiapo rolamento azul
e amarelo e azul e verde e vermelho e azul e amarelo mar
indefinito
nato nu artefato de estilhaços
vertente vórtice voragem
caleidoscópio de começos
manhã de ponta-cabeça
mar mar mar
rola no ar
arco-íris despedaçado
facetado céu que entorna às avessas
cor que verte
e cai
vertical
vértice
vórtice
especular
despido de estrelas como um tornado
nu el mar-bandeira
mar onde jaz sal e sol céu tombado
nada amor nada amar
nada deterá meus braços
eu odisseu de tropeços
só e solto e sôfrego
eu orfeu de palimpsestos
entre céus sóis lençóis de amplexos
sufocados em livros

tardos e tristes
traças submersas
lívidos reflexos
emaranhados emersos de espumas
no azul-azul do mar
aquele centro de mar
maraltoceano
mar do meio
mar de dentro
o mar-sea
aquele mar
preso num peixe
o mar daquele fish
aquele mar
onde
the sea grows old in it
céu
e sal
e sol
de uma só vez
sol insólito
luz
luz
luz
pus que solapa
o mar turquês
o mar de marianne
moore

na linha do horizonte
o mar bifronte
incêndio de escamas
onde
um peixe-chama
azul
verdeazul
azul
cinzazul
trama de prata
o peixe tece
no ar
o mar
que nele envelhece
e sacode em mim tardo e triste
sol fora do centro
sol sem lugar
que tudo é mar
que não tem fim
som soprado de bombordo
por trás
da manhã
som da aurora
que freia
aproa
e a estibordo ancora
este poema no mar nascido
um mistério

um feixe de vocábulos

acontecido

marulho

manhã

sol que salga

centelha contra o penhasco imóvel

as the sun make it new

day by day make it new

yet again make it new

e de novo agora

mar

it

new

lento mar monumento a barlavento

sol sal sopro

de maré de si de mim de outrora

vaga aqui na mesa onda que entorna

e escorre grave onde escrevo mar

e grito e grafo alto mar

d´encore de âncora d´ancora de agoramar de ancorar

o mar o mar o mar o que o faz?

fonte fluxo rio foz refluxo reflexo que retorna

e traz

e traga

abismo

o

mar

o

mar

o mar que jaz em mim emaranhado
bateau à toa

rumo ao arco

da tarde

quilha que ecoa

e corta

o mar melado

de sol

e eternidade

duas faces (*)

antemanhã
reluz
a mata
o morro
o mundo

lance
de asfalto & sol
dobra-
se a curva
sono-lucidez

tintas fortes
compõem a lida
põem com

clar´idade
novo pano
no panorama

duro canto
cimento
máquina

gente

salto

no de dentro

chão do futuro

mas que linha é essa

que sem domínio visões

entre avenida e sonho?

ao sul do sono

imagens

retina

luz

surge súbito

o fascínio

glória adentro

as duas pontes

a curva do rio

e da vida

as ruazinhas

distantes

do centro

e da memória

flash de bangue-bangue

klaxon
buzina
galope bufo

destrelado trem
que trina-destrina
corta a cidade
trensloucado

duas faces
fumaça
& paisagem

(*) A partir de "Carta aos Ases",
poema a quatro mãos, de
Joaquim Branco e Ronaldo Werneck (1967)

mauro-niemeyer: nuvens

Eres nubes, eres mar, eres olvido.
Eres también aquello que has perdido.
Quizá la nube sea no menos vana
que el hombre que la mira en la mañana.
Jorge Luis Borges

sempre que no céu brancas nuvens vejo
é de humberto mauro e niemeyer
que particulares lembranças chegam

um nuvens via projetando o céu
outro enquadrava o céu e bois e nuvens

sempre que no céu brancas nuvens vejo
fita de sol e sonho arquiteto

nova york

só num canto de loja distraído
esquecido numa rua do soho

a lupa no olho o relojoeiro
escuta o bater-rebater do mundo

e nos conduz sós ao topo do tempo
de seu consumo templário templo

fora do céu o skyline aqui está
tombado sol horizonte às avessas

a noite desce e escorre pelo mundo
nenhum barulho nem tampouco medo

do alto do império são formigas
as gentes grandes carros de brinquedo

o tempo nas mãos do relojoeiro
nada tem de sólido ou partido

tem´pó esse mecanismo do mundo
mas nada de parado nem perdido

Nova York, maio de 2014

paris-patrícia

na relva
o céu
e suas folhas
whitman
na cabeça

a minha
no colo seu

a torre
em contra-plongée
nos PiScApIsCaPiScA
ei-ffel
e-i-f-f-e-l
eiff-el

champs de mars
midnight
um beijo
um abraço
e já
na ponte d´iena
un baiseur de cinéma

paris
patrícia
partout
et ça va
et voilà

flâneur
flanar
na relva
o céu
de baudelaire
o seu colo meu
à bout de souffle
me acolhe
aux champs élysées

à moi
à godard
et à patricia
pas de new york herald tribune
pas de dégueulasse
pas de tout
paris par tout
sou eu-você
nosso amor
prêt-à-porter

Paris/junho 2010

tempo em três tempos

Seja sábio, beba logo esse seu vinho
e trague a esperança para onde estamos,
mesmo agora, enquanto de nós nos falamos,
o tempo ciumento nos está fugindo.
Horácio by RW

TEMPOEMA

no espaço do quarto
campo-fundo universo
tempo de onde parto
largo tempo largo
espaço de meu canto
um tempo-espaço avesso
de mim exíguo verso

POMBA CINEMAR

o metro o cine copacabana e o mar
o rio pomba o nelo e o edgard
lá as salas de ar chiquê
as cançonetas derradeiras
cá não se ouve nem se vê
cenas de pulgas e poeira
metro mundo de lá
mundo metro de cá

TEMPO ARREDONDADO

menino na janela
saia redonda alçar
a moça na calçada
o seu arredondar

tempo por trás do tempo
arredondadas formas
anos cinquenta e tanto
e lá vem ela e o vento

salta suave o espanto
um sôfrego apontar
saia rotunda saia
o seu arredondar

nesga uma só nesga
um quê de arredondada
saia ponta de perna
um tempo de si mesma

o menino se esconde
nele de si vexado
para dentro de si
de si ensimesmado

da janela o menino
redonda moça vê
ela a passar e o tempo
atrás dela a passar

espelho

todo dia

um

me falta

falta me

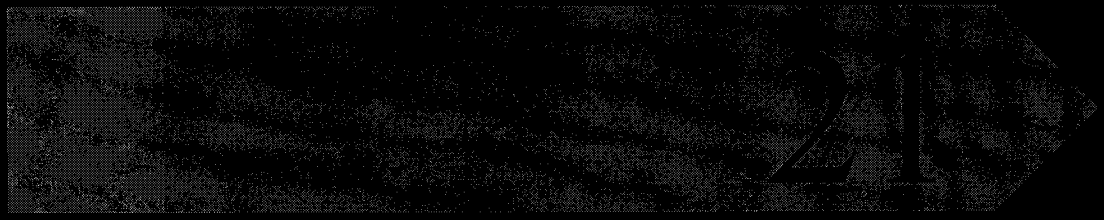
um

dia todo

23.10.13

hoje tenho setenta
e de novo e sempre
a vida me inventa

aos setenta e a cada dia
– vírus que me adentra –
tomado sou pela poesia



novos poemas

... E o perdão de meu canto. Sobre as nuvens
Defronte mãos escrevem numa estranha,
Antiquíssima língua, essas palavras
Que afinal compreendo: toda vida
É perfeita. E pungente, e raro, e breve
É o tempo que me dão para viver-me:
Achado e precioso.
Mário Faustino

O Poeta ama as coisas mortas e suas imagens
que dão o osso e a carne ao poema.
Essa é sua pátria, sua morada, seu clima.
Definitivamente, não há lugar para o Poeta
nos cataguases das minas.
Francisco Marcelo Cabral/
Poema para o Poeta Ronaldo Werneck

saltam poemas de meus dedos

saltam poemas de meus dedos
saltitantes saltam
poemas soltos
salientes
saltitam em vão
e vão
pelo vão
vão por aí esses poemas

não mais os prendem os meus dedos
não mais meus
– não!
esses são seus

Cataguases, 01/08/18

shangri-la

para Patrícia

mar
mar
mar de morros
gerais
verde
verde
ver de pastos
gerais

verdes morros
mar de mundos
gerais
um pássaro pia
longe-perto
o céu amplia
o azul
daqui
de cima
do alto
daqui
o mundo
esse mar de morros

verde aveludado

o pasto

vacas vagueiam

e mugem o beija-

flor e seu ninho

uma floresta

vive atrás

eucaliptos

no alto

palmeiras

angicos

lá embaixo

a encosta

em flor

aqui

a casa

que se faz

que se ergue

maritacas

esvoaçam

estridentes

que faço

que fizemos

que pasto

nesse mundo

macio e sestroso?

estamos aqui

como nunca

um sabiá
um tico
tico de sol
que desce
e some
e se desvanece
e se desvanecem
as cores
da encosta e ainda
crescem
angico
espatódea
pau-ferro
braquiara
o boi come
o mundo some
o dia
desce-desaparece
no alto
nas costas
do mar de morros
e tudo
parece
para sempre
como para sempre
essa voz
a surgir de súbito
viva voz de satchmo

I see trees of green, red roses too.
I see them bloom for me and you.
And I think to myself

a nos lembrar
agora e sempre
words
words
words

What a wonderful world.

Do Shangri-la em Cataguases, setembro 2018

on the road: tempespaço

para Ronaldo Cagiano

Sei de sobra/ que nunca terei/ uma obra.
Sei enfim/ que nada sei/ de mim
Fernando Pessoa

o carro corre a tarde
pelo asfalto escorre
no alto as imbaúbas
acinzentam o mato

no horizonte o céu sobra
hoje agora ontem infindo

pelo retrovisor a estrada
o espaço atrás o tempo
vida vai se esvai indo

atrás do vento
o carro corre

a cada momento
o tempo escorre

lento o mundo espaço
passa passageiro

palmeiras
canaviais
eucaliptos
cafezais

tudo verde
e mato
e morro
e tudo o mais

tudo hoje
tudo ontem
noite-dia
aurora
tudo junto
aqui e agora
o tempo escorre
lento o mundo espaço
passa passageiro

signo-sêmen

todo poema é signo
de amor
mesmo não sendo

de amor amoramor
todo poema é senda

mesmo o que não diz
de amor e não se quis

todo poema é soma sêmen sal semente

vaivém da ponte velha

A Ponte Velha é Cataguases é a velha ponte

Pacificusne est ingressus tuus?
Por ela a gente chega, chega gente.
Revertere ad me suscipiam te.
Por ela a gente vaivém com a gente.

velha cataguases
velha ponte velha

cem anos sim
o rio-chão
o pomba passa
a ponte não

vã centenária
foi-se o alabastro
dói vê-la assim
ícone gasto

sós sobre o pomba
se subvive
reflexos vãos
nada sobre nada

do vão mais alto
o tubulão
na corda bamba
o ator se atira
desacordado
em si deságua

seu céu seu chão
agora é água
vida que vai
no vão do ocaso

corpos sós corpos
torcendo o nó
do acaso sós
desatinados
sós corpos sós
sós desde as grimpas
corpos sós corpos
sós sobre a ponte
ases à cata
águas do acaso
ases do ocaso

cem anos sim
o rio-chão
o pomba passa
a ponte não

velha cataguases
velha ponte velha

vã centenária
foi-se o alabastro
dói vê-la assim
ícone gasto

Cataguases, fevereiro/2015

o sal na terra

Vós sois o sal da terra;
Vós sois a luz do mundo
Mateus, 5:13-14

sois o sal
que sabe
a luz e sol
sol que ofusca
desilumina

sois o sal
que não salga
sal que sobra
restolho água
insosso
insípido
pisoteado

sois o sal
que não sabe
sol opaco
o que se herda
ressemeado

o sal na terra
argamassado

diz-que noé/diz-que baco

vem vinho vem
vem alegria vem
vem virar a noite
em epifania
VEM!

diz-que noé na arca trazia
toda a animália e assim salvou-se
o humano, o não-humano e a alegria.

e não é? nem bem desembarcou
um vinhedo plantou naquele dia
e o vinho se fez e noé se embriagou
pleno de si em sua epifania

diz-que dionísio
que também é baco
salvou o buquê
e se fez preciso
e entornou seu dia em festa e alegria

as uvas as uvas de baco
as uvas do dia a dia
seu gosto seu buquê
que sabe a epifania

syrah
shiraz
pinot noir
carménère
merlot
malbec
chianti
tempranillo
cabernet sauvignon

o vinho e seu visual
seu gosto seu aroma
dia e noite noite-dia
um buquê que é chama
alegre epifania.

a balada da moça às seis e meia

–cheguei às seis e meia da balada
e ainda fui ver um filme, imagina!

noite de domingo e vinho e chuva
bairro de lourdes bar belo horizonte

veloz a voz o passo da mocinha
seu fragor que por mim passa apressado

mas como terá sido essa balada?
que filme terá visto essa mocinha?

a balada da moça às seis e meia
belo título pra fita mineira

Belo Horizonte, 13/03/16

quatro da manhã

para Afonso Vieira, *in memoriam*

há ainda restos de noite
meia lua que decresce
e agoniza no céu da varanda
uma lua esquálida
pendurada na escuridão

há uma lua que agoniza
e faz-se um véu na noite
e faz frio
e são quatro
da noite-manhã
e faz frio de morte
na antemanhã
e

há um amigo a morrer
no claro-escuro da UTI
entre apagados sóis
lençóis soluços
um amigo
a morrer e nada mais

há uma lua plantada no céu
meia lua que teima

em não sumir

há uma manhã
que teima
em não nascer

há passos que passam
no silêncio da madrugada
passos que vão do nada
a lugar nenhum

há um medo antigo
da noite
de seus mistérios
de nada de nada de nada mais

há um frio na noite
onde
faz frio
frio
de morte
e nada e nada e nada mais

Cataguases, 17 abril 2015

a lágrima do morto

a Paulo Fialho, em seu velório

a morte esse cavalo
pégaso solto no ar
a noite esse halo
o corpo o não lugar

no foco um só plongée
cavalo alado torto
enquadra a cena e vê
em decúbito o corpo

corpo o corpo esquálido
por mais que a vida chame
face amarelo pálido
branco branco origami

e como se esculpida
a lágrima do morto
surge súbito e tímida
vida a dobrar em dobro

lágrima esse cristal
vida que vem da morte

e só dela só se alça
solta-se em malasorte

da vida para a morte
da morte para a vida
a lágrima esculpida
vida que estanca a morte

e não escorre a lágrima
vã pulsão que se fixa
lá para sempre lá
vida e morte vívida

não é de malasorte
a lágrima da morte
antes sopro de vida
que jorra esquecida

vida a correr da morte
esse animal cevado
vida esse cavalo
a dobra o dobro: corte

a voz da morta

a Marielle Franco

in memoriam

a voz da morta
o caos na porta
e o que importa

cale-se não
cale-se não

a voz que vaza
em todas casas

cale-se não
cale-se não

a voz que porta
tudo que importa
a voz da morta

cale-se não
cale-se não

Cataguases, 15 março 2018

caminho lá com os mortos de cá

Minha avó/ Meu avô/
Totônio Rodrigues/
Tomásia/ Rosa.
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.
Manuel Bandeira

A morte quebrou a flor da vida
E o coração de seus pais
(Lápide no Cemitério de Cataguases)

o cais, o never more, o nunca mais
o tal do és pó e ao pó retornarás
Geraldo Carneiro

enquanto só sozinho tardo
com a cidade no cais cai a tarde
enquanto pacientes me aguardam

mamãe papai e todas minhas mães
cacai vovó lililla e mais todos

não
não vou
na passarela do desencanto
desfilar meus mortos
xavier jorge roux hélber niquinha

nada de espanto nada não
não vou aqui restar
para sempre
eles foram
henrique victor alberto chiquinho

eu não
ainda não
não vou
eu
ficar
até quando?
também
vou eu
um dia com eles estar
fusco luiz jackson afonsinho

súbito enigma que se espera
não
não vou (a)guardar
em espectral desfile
meus mortos na passarela

não
não vou
pra onde foram
pra onde vou

não há como
a eles me juntar

faz frio
mas vou
me arrepio
mas vou

desorientado
do cais do oriente
saio
mas por todos acompanhado

é noite agora e já no velho lamas
logo logo surgem ressurgem
entre espelhos e labirintos

hélber e luiz jackson e afonsim

e tutti quanti aqui refletidos
como se renascidos revivessem
tim-tim – eu brindo – salut, mes amis!

estou só como o salvador do victor
janto só num lamas hoje deserto

só com meus muitos mortos
agora a me tomarem de assalto

mas logo eles me acalmam
e como súbita carícia
clamam

meus muitos mortos por mim clamam-exclamam
um clamor de muitas mortes me chama

que faço ainda aqui?
por quê? como?
quem me ouve quando os chamo?

na cidade estavam todos comigo
no centro do rio
no cais do oriente
na praça mauá
no metrô

os mortos de minas e os de cá
juntos meus mortos comigo caminham
me guardam meus mortos me esperam
me acolhem
me protegem

agora de pé meus mortos me aguardam
enquanto flou flutuam e se soltam

meus mortos me matam de emoção?
no lamas não

aqui não
refletidos em meio a luzes e espelhos
sós
os meus mortos me matam de sofreguidão
a primeva e mais sólida das solidões

Cais do Oriente/ Café Lamas
Rio, 1 de março de 2016

momento vivo

A thing of beauty is a joy for ever
John Keats
Este momento tem nome: êxtase.
Não estás morrendo, sossega.
Apenas navegas em estilhaços
como a estrela que explode
na constelação do Centauro.
Francisco Marcelo Cabral

vivo esse momento e agora
um único momento vivo
um perfume de magnólia
feliz acaso serendipity
serendipity?
acaso?
deslizes?
o infinito diante
enquanto despertas
ao acaso felizes
translumbrantes
descobertas

ainda não veio outubro
mas há que falar
desse tudo
desse veio

desse infinito
finito

é perene alegria a beleza
quase agora 75 voltas
em torno desse sol de si e sonho
e toda eternidade já faísca
só na sombra de keats verso vivaz
vivo um momento vivo fogo vivo
grão de beleza essa alegria eterna

morrer é um pouco
mais que isso
o sol nos olhos
o vento arisco

por isso me arrisco
me arrasto entre as estrelas
alto
baixo
no escuro
na imensidão

morrer é muito pouco
é mais que isso

uma desalegria
uma desobra

esse sol
que solapa
e sobra

Cataguases, maio de 2018
(se e quando outubro vier)

paquetá-geribá

O mar mais parece
um caramujo cor de chumbo
plúmbeo
há um grande cansaço
de explicar o mar
Oswald de Andrade

foi o mar da vez primeira
foi em paquetá
foi quando aos quatro anos
foi em paquetá

e nunca mais fui lá
nunca mais quatro anos
lá ou cá
nunca mais paquetá

o mar visão distante que se fez
há setenta anos em paquetá
o mar e seu início mar-miragem
nunca mais quatro anos lá ou cá

o mar de agora
o mar de cá
o mar da hora
em geribá

a primeira vez que vi o mar
foi em paquetá
o mar distante
o mar diante o mar
foi em paquetá

agora em geribá
lá se vão setenta anos
mas mesmo-mesma
a emoção primeira

de repente o mar em frente
o mar azul
taful taful
o mar de lá
de paquetá
o mar de cá
de geribá

o mar ausente
mar d´eu menino
em paquetá
mar de agora
mar presente
o que se sente
no ar agora

o mar o mar
o mar assente
de paquetá

cinza mar de lá
mar que não há
mar que não mais

passaram anos-ondas
muitos anos
anos-ondas lá se em vão
batem lá
batem em mim
batem em paquetá
mar cinzazul
que já não há

agora o azul
só o azul
do mar do mar
de geribá

mar que não há
mar de não se acabar
mar que dança no azul
blue blue o mar
de geribá

ver e sentir
ouvir e cheirar
o vento o mar

o mar primeiro
menineu

ei-lo :

o mar diante
o mar distante

Búzios, abril 2018

a lua na toscana

num plano geral
num largo longuíssimo
longshot
o sol se desensolara
escapa na linha de fuga
sol que some
e azula a paisagem

no ar um odor de almíscar
em plano próximo americano
namorados se lambuzam de beijos
e chianti e fartos afagos

é primavera e essa lua
essa lua-lua tamanha
lua que explode companheira
e nos segue nos acompanha
pelas tortas trilhas toscanas.

San Gimignano,
Toscana, maio 2018

o sol no hyde park

Lá em Londres, vez em quando
me sentia longe daqui
Gilberto Gil

um só sol de soslaio havia assim
havia um vento só um vento que cortava
um só vento que vinha e ali havia

vinha ventando lá de paddington station
encanava em sussex garden vento dobrando
de novo na bayswater road em vendaval

esse vento fortíssimo que nos levava
pra lá pra cá pra lá pro sol de hyde park
como gil para os verdes gramados de lá

como em antonioni num longo blow-up
paisagem que se amplia em desencontro
sol que cega de luz e ver de tanto verde

nada de vento aqui só sol e claridade
a primavera invade o sol de hyde park
o verde o lago cinza o sol os cisnes brancos

Londres, abril de 2018

viajor

Só sei que nada sei.
Sócrates

Mas o que é isso, poesia.
Muita resposta vaga
já foi dada a essa pergunta.
Pois eu não sei e não sei e me agarro a isso
como a uma tábua de salvação.
Wislawa Szymborska

é revendo que se aprende
se apreende uma cidade
penso eu enquanto
em firenze aguardo
aguardo e aguardo
o voo que não vem
e vai e vamos para barcelona

é quando a jovem chinesa
oferece seu lugar
– grazie mille!
é quando mais vecchio
mais ainda mais vecchio
que il ponte vecchio
me vejo

já agora e aqui
acima das nuvens
no azul desatino
viva il vino rosato
faustino
um tempranillo
e as nuvens-nuvem

o céu embaixo
o céu em mim

céu céu assim
céu azul
em mim

tão perto do azul
da morte azul
e do fim

il vino mário
faustino rosato
asa decepada
ave augusto

azul o céu
o céu azul
se desprende
e cai como

se de repente

já no aeropuerto
di barcelona passos
estrangeiros
que se apressam
apressados

Bruselas Amsterdam
Munich Moscu Tenerife
Ginebra Madrid
Casablanca Roma
Paris Dubai Estambul
Londres Ibiza Nantes
Oran Sevilla
Marrakech Argel
Bilbao Granada

pra onde eu vou
enfim
eu não sei
que sei eu
de mim

Firenze-Barcelona, maio de 2018

rosato nel caffè rosati

no rosati
un rosato
penso eu
enquanto
nel caffè rosati
e quando
la bella-bellezza
di una tazza di rosato
sobre a mesa

pasolini não veio
nem moravia
nem calvino
nem fellini
– nessuno
só a trôpega
turistidão de uns
de tontos
hunos
tantos

Piazza del Popolo, Roma/12 de maio 2018

voando com tanussi

ao poeta Tanussi Cardoso

sob a chuva
o céu se esconde
sobre as nuvens
o sol ao longe
soldado no horizonte

nu
vem o sol
o sol sol
está nu
se e quando
rio
está nu
se e quando
voo
está nu
se e quando
vou
pra esse porto
triste-alegre

a chuva
o sol
está nu
se enquanto
voo
está nu
se despido
de si
sol nascendo

sol e ouro
maior
que a dor
do sangue
e seu jorro
maior que o quintal
de sua infância

está nu
se anunciando
a manhã
e seu esporro
de luz
de sol
e ouro
incêndio
de sons e signos

gema que surge

está nu
se esse ovo
agora explode
em sol
e ouro
clara gema

nu está
nu se
anunciando
este poema

o que
sem palavras
fala
ou o que
sombra
é luz
na sala

nu está
nu se

o tempo se cola ao corpo
o rosto envelhece

unhas expurgam
enruga a pele

está nu
se está

resta esperar

está nu
se está

quem nos carrega nos ombros?
a quem dizer, quero?
a quem dizer, preciso?
as coisas que não diremos
habitam as cidades
e as sombras iluminam
escuras cavernas

está nu
se está platão
de plantão
nu
face ao dilema
como revestir
de sons
de tons
de sóis

este poema?

se está
nu
se cala

tarda a manhã dos galos

esse sol suspenso

esse sol
que não arde
em teu peito

está nu
se
esse corpo
só em si

teu peito te trai
teu poema te trai
teu país te trai

teu país
está nu
se está
esse sol só

o sol entra
em sua cama
e te cospe no rosto
o ofício de outra manhã
a cumprir

a descumprir
esse sol
está nu
se está
esse sol pálido
despido de estrelas
em torno de um tornado

tudo permanece
em seu lugar
o morto
é um poema
acabado
solto
completo

está nu
se está
se e quando
comigo
bate as asas
o poeta

em pleno voo
alçado por sonhos
sons
palavras

pássaros
da manhã
voamos
pássaros
do amanhã
vamos

estou vivo
a poesia pulsa
a natureza explode
o amor me beija na boca

nu
vem
o sol
está nu
se o poeta
como este dia
claro agora
este dia pós-aurora
liberto

este dia
está nu
se e quando
aberto
à poesia

Rio-Porto Alegre
05.10.2015
(em pleno voo)

desusura

With usura
no picture is made to endure nor to live with
but it is made to sell and sell quickly
Ezra Pound/*Cantos Scelti XLV*

verde verdura

texto textura

uso uso usura

desuso desusura

ave wlademir

Para Wlademir Dias-Pino,
em seus 90 anos

ave
vae
ave
ave voa
voar
é preciso
vae
é preciso

ir

vae vae

mirar

ir

ave wlad

vae

ave ave

ave wlademir

Cataguases, março 2017

Este livro foi impresso no Brasil em agosto de 2019, aos 43 anos de *Selva Selvaggia* (1976).
Veja o que já se disse sobre os poemas de Ronaldo Werneck, neste e noutros mares:

https://www.tipografiamusical.com.br/downloads

Contatos:
roneck@ronaldowerneck.com.br
www.ronaldowerneck.com.br
https://ronaldowerneck.blogspot.com.br/
https://www.youtube.com/channel/UCjnDL_rGKjQSSRLPJewW4LA

Outras:Grafias

Grafia; -grafia: representação escrita das palavras, dos sons; escrita, transcrição. Grafia: corpo.

Textos em quaisquer formas e texturas, essa é a proposta da *Série Outras Grafias* da Editora Tipografia Musical, destinada à poesia, literatura, cinema, traduções, artes, fotografia, história, ensaios etc.

salto dialético sobre a realidade e os absurdos de uma contemporaneidade que se decompõe na tragédia cotidiana do "mondo cane" e da "selva selvaggia" que nos insularizam.

Na esteira de uma ética interior, sua escritura extrapola as águas da emoção e das referencialidades, pois seu leito é a palavra que fixa o registro de uma peculiar inquietação. Da aldeia, sua poesia cartografa o mundo sob uma perspectiva universalizante e uma óptica humanizadora, percorrendo aqui e acolá os mistérios inerentes ao próprio ser, muitas vezes sob o influxo onírico e plástico de um olhar ao mesmo tempo crítico e metafísico.

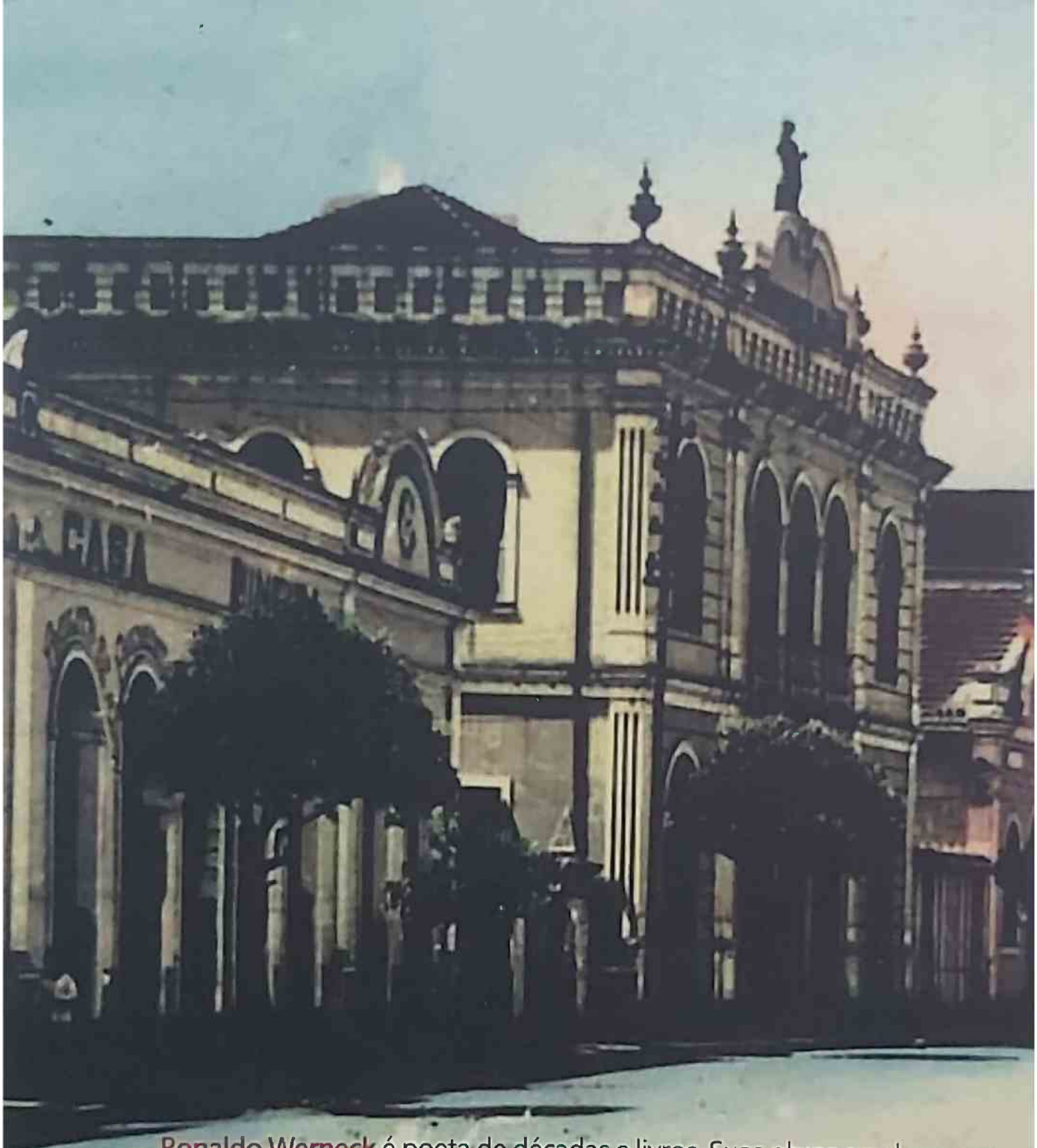
No reagrupamento de antigos poemas não subjazem o mesmo poeta nem os mesmos livros, pois na esfera da lógica heraclitiana, RW em seu eterno devir não se banha nos mesmos versos, eis que cada tempo fornece uma nova leitura ou prospecção, nas quais autor e leitor mergulham para se banharem num caudal de novas sensações.

Ronaldo Cagiano
Lisboa, outono de 2018

Foto: Patrícia Barbosa

Ronaldo Werneck é mineiro do mundo-Cataguases. Tem vários livros publicados de poemas, crônicas, ensaios. Os mais recentes: *o mar de outrora & poemas de agora* e *Rosário Fusco - Sob o signo do imprevisto.*

Digitalizado com CamScanner



Ronaldo Werneck é poeta de décadas e livros. Suas obras amalgamam cidades, rios, amores, mares, sóis e poetas com a tipografia da letra, o branco da página, o estilhaçamento do verso. Tudo levado à plasticidade máxima do encontro do eu-lírico com o signo-significante-significado. Neste *momento vivo* – seleta reunida pelo próprio autor, acrescida de novos poemas – é com este encontro que nos (re)encontramos.

Bruno D'Abruzzo, editor

OG-004

ISBN 978-85-68951-19-4

9 788568 951194

EDITORA TIPOGRAFIA MUSICAL

www.tipografiamusical.com.br

Digitalizado com CamScanner